



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS ERECHIM**  
**LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**LARISSA LICKS**

**O CEMITÉRIO DOS DEGOLADOS DE 1923: UMA HISTÓRIA DE EXCLUSÃO**

**ERECHIM**

**2023**

**LARISSA LICKS**

**O CEMITÉRIO DOS DEGOLADOS DE 1923: UMA HISTÓRIA DE EXCLUSÃO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção do  
grau de Licenciada em História pela  
Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Caroline Rippe de Mello Klein

ERECHIM

2023

### **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Licks, Larissa

O CEMITÉRIO DOS DEGOLADOS DE 1923: UMA HISTÓRIA DE EXCLUSÃO / Larissa Licks. -- 2023.

78 f.:il.

Orientadora: Doutora Caroline Rippe de Mello Klein

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em História, Erechim,RS, 2023.

1. Cemitério dos Degolados, História e Patrimônio Cultural, Revolução Federalista, Revolução de 1923, Rio Grande do Sul.. I. Klein, Caroline Rippe de Mello, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**LARISSA LICKS**

**O CEMITÉRIO DOS DEGOLADOS DE 1923:  
UMA HISTÓRIA DE EXCLUSÃO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado no curso de História, da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia **20/05/2023**.

**BANCA EXAMINADORA:**

Documento assinado digitalmente  
 **CAROLINE RIPPE DE MELLO KLEIN**  
Data: 11/09/2025 17:57:44-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Orientadora: Profa. Dra. Caroline Rippe de Mello Klein**

Documento assinado digitalmente  
 **ISABEL ROSA GRITTI**  
Data: 23/09/2025 20:29:56-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Avaliadora: Profa. Dra. Isabel Rosa Gritti**

Documento assinado digitalmente  
 **CRISTINA DALLANORA**  
Data: 14/09/2025 13:22:27-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Avaliadora: Profa. Dra. Cristina Dallanora**

## AGRADECIMENTOS

Impossível não começar agradecendo à minha mãe Sara Leonor Licks e aos meus avós Lourdes Colovini Licks e Asyr José Licks que tornaram possível este momento, e principalmente por todo o apoio ao longo da minha graduação e da minha vida, sem eles não teria sido possível terminar essa jornada acadêmica e pessoal.

Ao meu melhor amigo e parceiro para toda a vida Alan Dalbosco que esteve comigo durante toda a graduação sendo um grande companheiro nas horas boas e nas horas difíceis, acompanhando de perto as lutas que enfrentei para a conclusão do projeto, agradeço por sempre ter acreditado em mim.

À professora Caroline Rippe de Mello Klein pela orientação impecável e detalhada que foi indispensável para a construção deste trabalho.

Aos membros da banca Isabel Rosa Gritti e Cristina Dallanora pelo tempo, atenção e considerações.

À professora Débora Clasen de Paula por todo o incentivo, paciência, palavras sábias e por ter auxiliado no começo dessa jornada.

A todo o corpo docente do curso de Licenciatura em História pelos ensinamentos, discussões, lições e experiências proporcionados.

À Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim pelo ensino público de qualidade e gratuito e por ter me proporcionado tantos momentos especiais e as pessoas mais legais que eu poderia ter conhecido na minha graduação e a infinidade de conhecimentos adquiridos.

## RESUMO

O trabalho tem como principal objetivo abordar o Cemitério dos Degolados, localizado na cidade de Santo Augusto, no estado do Rio Grande do Sul, sob a perspectiva de sua relevância histórica e patrimonial cultural. O cemitério é um resultado de um conflito da Revolução de 1923, com características que são contextualizadas e engendradas na Revolução Federalista (1893-1895), que teve um impacto significativo na região e deixou uma série de vítimas. O trabalho envolve levantamentos e análises bibliográficas encontradas em diversas fontes, tais como o Google Acadêmico, academia.edu, os periódicos da ANPUH e os arquivos municipais da cidade para a compreensão acerca dos eventos que permeiam o cemitério, assim como a memória, a patrimonialização e a morte. Ao estudar a necrópole como fonte, é possível entender melhor esses episódios históricos e preservar a memória das pessoas que morreram e foram inumadas durante essa revolução. O trabalho se concentra na relevância cultural do cemitério como consequência e testemunho deste evento, bem como em seu valor como patrimônio histórico, o qual é imprescindível ser preservado.

Palavras-Chave: Santo Augusto, Cemitério dos Degolados, História e Patrimônio Cultural, Revolução Federalista, Revolução de 1923, Rio Grande do Sul.

## **ABSTRACT**

The study aim to approach the Cemitério dos Degolados, located in the city of Santo Augusto, in the state of Rio Grande do Sul, from the perspective of its historical relevance and cultural heritage. The cemetery is a result of a conflict of the 1923 Revolution, with characteristics that are contextualized and engendered in the Federalist Revolution (1893-1895), which had a significant impact on the region and left a series of victims. The work involves surveys and bibliographical analyzes found in several sources, such as Google Scholar, academia.edu, ANPUH journals and the city's municipal archives, in order to understand the events that permeate the cemetery, as well as the memory, heritage and the death. By studying the necropolis as a source, it is possible to better understand these historical episodes and preserve the memory of the people who died and were buried during this revolution. The work focuses on the cultural relevance of the cemetery as a consequence and testimony of this event, as well as its value as a historical heritage, which is essential to be preserved.

**Keywords:** Santo Augusto, Cemitério dos Degolados, History and Cultural Heritage, Federalist Revolution, 1923 Revolution, Rio Grande do Sul.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Placa Original do Cemitério dos Degolados (1980). .....	20
Figura 2 - Região Noroeste do Rio Grande do Sul. ....	32
Figura 3 - Mapa do distrito de Cruz Alta no ano de 1872.....	33
Figura 4 - Mapa do Município de Santo Augusto no estado do Rio Grande do Sul. ....	37
Figura 5 - Localização do Cemitério dos Degolados na cidade de Santo Augusto.....	38
Figura 6 - Cemitério da Casa Branca. ....	41
Figura 7 - Marco de onde Quinzote foi achado esartejado (Barracão da Restinga). ....	44
Figura 8 - Túmulo dos irmãos Manoel, José e Antônio Cavalheiro dos Santos. ....	49
Figura 9 – Túmulo de Wilso Nito da Silva. ....	49
Figura 10 - Túmulo de Angelina Merenciana dos Santos.....	50
Figura 11 - Túmulo sem inscrição. ....	50
Figura 12 - Profanação da sepultura de Angelina Merenciana dos Santos. ....	52
Figura 13 - Região Turística da Rota do Yucumã. ....	54
Figura 14 - Cemitério dos Degolados antes da Revitalização.....	55
Figura 15 – Projeto de Revitalização do Cemitério dos Degolados. ....	56
Figura 16 - Cemitério dos Degolados após a Revitalização.....	57

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CTG	Centro Tradicionalista Gaúcho
MTG	Movimento Tradicionalista Gaúcho
SESUPLAN	Secretaria Municipal de Supervisão e Planejamento
SICOMTUR	Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo
SEMMU	Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 – O CEMITÉRIO DOS DEGOLADOS DE 1923: INQUIETAÇÕES COMO FONTE DE ESTUDO.....</b>	<b>13</b>
1.1 PROBLEMATIZANDO O CEMITÉRIO .....	13
1.2 O CEMITÉRIO ENQUANTO PATRIMÔNIO .....	20
<b>CAPÍTULO 2 – A CIDADE DE SANTO AUGUSTO E SUA RELAÇÃO COM A REVOLUÇÃO FEDERALISTA E A REVOLUÇÃO DE 1923.....</b>	<b>26</b>
2.2 REFLEXOS DE UM CONFLITO EM MENOR ESCALA: O CASO DE RINCÃO DE SÃO JACOB.....	31
<b>CAPÍTULO 3 – A MORADA DO CEMITÉRIO.....</b>	<b>40</b>
3.1. OS DEGOLADOS E SEU (DES) ESQUECIMENTO CEMITERIAL .....	40
3.2 REVITALIZAÇÃO DO MARCO HISTÓRICO .....	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>61</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>67</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa partiu de uma ideia e curiosidade pessoal da pesquisadora sobre o tema. Parte de um interesse familiar em relação à cidade de Santo Augusto – RS na qual conheci o Cemitério dos Degolados, oriundo da Revolução de 1923, pela janela dos veículos que eu utilizava viajando pela RS-155 no KM 75 para ir até a escola no ensino médio todos os dias, observando o quão mal conservado ele se mantinha sob a paisagem “rural” ao meio de plantações. Com a intenção de problematizar o cemitério, que, segundo Oliveira (2000), tem essa denominação de “degolados” devido a sua origem e ao imaginário dos próprios moradores locais pela brutalidade dos fatos que aconteceram com os seus sepultados que foram degolados ali, e também de historicizá-lo.

Após a Guerra, que ficou conhecida como a “Revolução da Degola”<sup>1</sup> - devido aos seus atos de violência e barbárie tanto do lado dos Chimangos quanto dos Maragatos -, no qual a prática de degolar os oponentes se disseminou e tornou habitual para ambas as facções, tanto chimangos como maragatos irão participar do conflito seguinte, da Revolução de 1923. Oito dos indivíduos que estão inumados nesse cemitério fizeram parte das consequências da guerra denominada, Revolução de 1923, no entanto, como eles foram degolados, e faziam parte de piquetes que começaram a ser formados desde a revolução federalista de 1893 é importante traçarmos um contexto do que essa guerra foi e quais foram suas consequências na região.

O trabalho justifica-se uma vez que opera na esfera da história regional, dando vislumbre a narrativa historiográfica de regiões mais remotas do Brasil, na medida em que grandes conflitos afetam determinadas sociedades. Há uma ampla historiografia sobre a Revolução de 1923, no entanto, é quase inexistente sobre o papel desse conflito e suas consequências no município de Santo Augusto, onde está situado o Cemitério dos degolados. Para compreendermos como ocorreu esse conflito que ocorreu em meados de 1923/1924 e resultou na morte de oito homens federalistas na cidade de Santo Augusto utilizamos como fonte o cemitério local destinado aos degolados.

Há diversos métodos de abordagem que o historiador pode utilizar em suas pesquisas, como por exemplo, cruzamentos de fontes e aportes teórico-metodológicos para formar uma narrativa imbuída de sentidos, sem deixar de mostrar as diversas facetas de determinado período

---

<sup>1</sup> A Revolta Federalista foi caracterizada como a “Revolução da Degola” devido aos seus atos de violência e barbárie tanto do lado dos Chimangos quanto dos Maragatos, no qual a prática de degolar os oponentes se disseminou e tornou habitual para ambas as facções. (Pesavento 1983).

do passado Para o desenvolvimento deste estudo, a metodologia utilizada constituiu-se de revisões bibliográficas, pesquisas documentais, levantamentos fotográficos e trabalho de campo em volta do cemitério em consonância com a própria cidade.

No decorrer do levantamento bibliográfico, percebeu-se que há pouco material sobre os cemitérios no Brasil. Apesar disso, entende-se que são importantes fontes de pesquisa para os historiadores que auxiliam a montar a narrativa do passado, segundo Grassi (2016, p.01) "seja pela análise individual do túmulo ou pela do conjunto, são contempladas as mais variadas formas e configurações de cemitérios, campos santos e necrópoles."

A Geografia como campo científico também leva em conta a importância do cemitério enquanto paisagem em suas análises, uma vez que os cemitérios se tornam espaços públicos não formais que estão à disposição como objeto de estudo da educação não formal para a compreensão ou extensão da vida social, bem como o processo cultural de segregação do espaço (NASCIMENTO *et al.* 2020, p. 8).

A História tem um olhar acerca do cemitério, no que tange a questões patrimoniais, uma vez que, o local estudado é tombado pelo município da cidade como patrimônio na esfera municipal, representando um Marco Histórico (Anexo 1) pela Lei nº 844 de 25 de maio de 1989, em que consta:

[...] Art. 1º São Marcos Históricos do Município de Santo Augusto (RS):  
I - O Cemitério dos Degolados;  
II - O Grito do Quinzote;  
III - A Sepultura do Primeiro Professor de Santo Augusto;  
IV - A Usina da Fazenda da Cascata.

Considerando os apontamentos do contexto histórico e da importância do Cemitério dos Degolados na atualidade, esse trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro, iremos dar um enfoque mais metodológico acerca da análise cemiterial, apresentando como o campo se tornou, no Brasil, algo promissor entre historiadores e geógrafos. Assim como problematizar a questão das visões da morte, os festejos e sua relação intrínseca com o cemitério enquanto patrimônio material, na tentativa de reafirmar e preservar um discurso acerca dos indivíduos que jazem ali como reflexo da própria época. Para isso, é necessário retomar a origem dos cemitérios, o seu patrimonialismo, a questão da morte e da preservação da memória e História imbricados nesse processo.

O segundo capítulo, irá problematizar o cemitério como memória da cidade em relação à Revolta de 1923, suas consequências e em que medida ela afetou a região de Santo Augusto.

Para tanto, procurou-se perceber em que medida os moradores e pessoas que vieram se fixar no local foram afetados por ela e como se ligam ao conflito e as consequências que trouxeram para a cidade desde a federalista 1893 até a de 1923. Além disso, foi necessário pesquisar em que medida a região sul do Brasil participou e foi afetada por esse conflito, através de uma breve revisão bibliográfica.

No terceiro capítulo, será tratado à luz desse levantamento e pesquisa bibliográfica, um trabalho de campo, a fim de estudar o cemitério dos “Degolados”, na ótica metodológica das análises cemiteriais para o campo da História, trazendo fotografias dos túmulos, placas e inscrições que por muitas vezes são apagadas e esquecidas. Nessa cidade, existe um problema em relação a esse local, pois, por muito tempo, estas memórias e histórias desses combatentes da Federalista foram “esquecidas” e deixadas de lado até que, finalmente no ano de 2015, ele foi revitalizado por ter sido tombado como patrimônio material do município.

## CAPÍTULO 1 – O CEMITÉRIO DOS DEGOLADOS DE 1923: INQUIETAÇÕES COMO FONTE DE ESTUDO

Nesse capítulo tem como objetivo discutir como o cemitério é visto tanto pela História quanto pela Geografia como um local de estudo e problematização. Seguindo, para além dessas duas disciplinas, os estudos de patrimônio também trabalham com esse local a fim de preservá-lo em suas narrativas construtivas acerca da morte. Trazendo também à tona a própria “patrimonialização” que o Cemitério dos Degolados teve por parte do município.

### 1.1 PROBLEMATIZANDO O CEMITÉRIO

Para compreender a historicidade e significados em torno do Cemitério dos Degolados, paisagem cotidiana da minha adolescência e, portanto, natural para a minha memória assim como para a maior parte das pessoas da cidade, é importante desnaturalizá-lo. O cemitério é um espaço que pode ser trabalhado numa perspectiva histórica e geográfica também. Em relação à História, temos alguns estudos como o do historiador Prof. Bellomo da PUCRS, do historiador Philippe Ariès, do sociólogo Maurice Halbwachs, do Prof. Dillmann da UFPEL, etc. Já nos meandros da Geografia, esse espaço é trabalhado seguindo os preceitos da paisagem urbana em muitos casos com os estudos da geógrafa Francisleile Lima Nascimento (*et al.*) e sua equipe de pesquisadores, do geógrafo Milton Santos, da Prof. Alcimara Aparecida Foetsch da UNESPAR e do Prof. Christian Dennys Monteiro de Oliveira da UFC, etc.

Para além disso, esse espaço pode ser considerado um bem patrimonial imóvel, uma vez que conta as narrativas da morte e de suas celebrações ao longo de determinada época. Sobre a questão das primeiras configurações e características dos espaços nos quais os cemitérios<sup>2</sup> estiveram inseridos, Oliveira (2014) explana que eles surgem entre os períodos paleolítico e neolítico<sup>3</sup>. Enquanto os hominídeos pré-históricos não possuíam um assentamento ou cidades e ainda eram caçadores-coletores nômades, seus mortos já tinham uma morada final permanente,

---

<sup>2</sup> A palavra cemitério se origina do grego *Koumetèrion*, segundo Oliveira (2014), e se refere ao local onde se dormia, mais tarde segundo Rezende (2007) essa expressão foi apropriada pela Igreja Católica, pois o descanso de Jesus Cristo morto foi feito na mansão dos mortos até ele ressuscitar, na qual passaram a usar a palavra oriunda do latim *coemiterium*.

<sup>3</sup> Cerca de 10.000 anos antes da era comum.

fossem elas sepulturas agrupadas, individuais, coletivas, dentro de cavernas ou não. Segundo Mumford (1998, p.13):

A cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos. Num sentido, aliás, a cidade dos mortos é a precursora, quase o núcleo, de todas as cidades vivas. A vida urbana cobre o espaço histórico entre o mais remoto campo sepulcral da aurora do homem e o cemitério final, a Necrópolis em que uma após outra civilização tem encontrado o seu fim.

Na perspectiva geográfica, os estudos dos cemitérios vão depender das abordagens dos pesquisadores, alguns irão tratar o tema somente como forma urbana, outros como local (sobre as diferenças entre local e lugar); outros como paisagem que pode mobilizar emoções e, outros ainda, como território já que até a própria morte tem se transformado em algo comercializável na nossa economia. No caso deste trabalho consideramos o cemitério como paisagem, fonte de pesquisa, além da sua existência como uma questão que remete a um processo cultural de segregação de espaço.

Em uma questão de correlação entre a História e a Geografia, as duas ciências possuem características similares no que diz respeito a cemitério. Dentro da ciência geográfica é possível estabelecer para os cemitérios, de maneira geral, um pensamento de representatividade dentro do que tange o conceito de paisagem, que tem como principal pressuposto analisar e compreender diversos fatores que estão inseridos em um determinado local. Neste caso, a geografia das representações busca tratar de compreender um determinado espaço/local como sendo oriundo das práticas sociais e de uma externalização dos seres humanos, que conseqüentemente a sociedade fará/faz parte (SPRINGER *et al.* 2005).

Diante desse pressuposto, o cemitério, abrangerá um papel fundamental para compor uma característica única e que envolve diversas camadas. Entre elas, podemos destacar a educação, cabendo também estabelecer uma conexão simbólica diante ao espaço em que ele está inserido, pois há questões que podem se tornar mais explícitas que outras, como por exemplo, o social, o cultural, o econômico, e por fim, o político.

Destacado por Nascimento *et al.* (2020), o espaço destinado à inserção de um cemitério pode ser analisado sob a perspectiva educacional do espaço público não formal para a obtenção de conhecimento a partir de uma fonte rica e possuidora “[...] de diversas leituras históricas, sociológicas, filosóficas, geográficas e culturais” (p. 13) nas quais se torna possível criterizar os processos de construção social retratados dentro do espaço dos cemitérios (segregação espacial, divisão de classe, divisão social de renda). Desse modo, “a configuração territorial

não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima.” (-SANTOS, 2006: 38).

Sendo assim, ao caracterizar o objeto de estudo como parte de uma geografia cultural sob o viés da paisagem, podemos analisar diversos pontos que irão fazer parte de conexões simbólicas da representação dos cemitérios sobre o olhar geográfico. É observado a partir deste pensamento, os processos que ocorrem em âmbito de vida e pós vida, pois abrangem questões como por exemplo: memória; patrimonialização; ritualizações, entre outras (FÖETSCH; OLIVEIRA, 2020). Essas questões são oriundas dos processos sociais que buscam manter viva a memória de entes queridos que, a partir desses valores que estão intrínsecos nesses espaços ao longo de sua história.

Já, na perspectiva histórica, os estudos dos cemitérios como fonte, segundo Bellomo (2000), podem abranger várias vertentes. Entre elas, as memórias tanto familiares quanto das comunidades; as genealogias das famílias; as ideologias políticas; as formações étnicas das cidades; as crenças religiosas de diversas comunidades; as perspectivas de vida dos indivíduos em determinados períodos históricos; as posições que as populações tomam em relação à morte; etc. No mesmo sentido, Grassi (2016, p. 01) destaca que:

Os estudos cemiteriais surgem como formas de investigação que tomam locais de sepultamentos enquanto objeto ou fonte de pesquisa. Seja pela análise individual do túmulo ou pela do conjunto, são contempladas as mais variadas formas e configurações de cemitérios, campos santos e necrópoles. Levando-se em conta a progressão conceitual e tipológica dos enterramentos ao longo dos séculos, incluem-se os locais internos e externos de sepultamentos em casas, templos, igrejas, cemitérios de escravos, de indigentes, confessionais ou extramuros, públicos ou privados, em tipologias extramuros, convencional, parque, jardim, vertical, memorial ou crematório.

Nessa perspectiva, a análise da questão cemiterial no Brasil, deve levar em consideração a colonização do país pela coroa Portuguesa e a influência que a Igreja Católica retinha sobre a questão dos mortos, que segundo Caino e Roedel (2017) sempre foi um fator a se considerar na ocupação do espaço, pois o costume era inumar as pessoas sob o assoalho de espaços eclesiásticos ou em torno das igrejas e capelas. De acordo com Oliveira (2018), o que geralmente estava atrelado ao discurso de garantir às almas dos mortos um “lugar” no paraíso ou espaço celestial era ou é a salvação eterna segundo a religião cristã, principalmente pela proximidade do sepultado ao “reino de Deus”, ou seja, a igreja, o que posteriormente garantia uma proximidade dos vivos com os mortos, pois em cada missa que participavam visitavam seus entes queridos.

No entanto, somente aqueles que fossem “merecedores” poderiam ser inumados em solo eclesiástico, o que geralmente era atrelado à quantidade de bens que as pessoas possuíam, sua influência na comunidade, sua religião e também seus pecados. Oliveira (2018, p. 04) complementa que “[...] segundo a Igreja, nem todos os indivíduos eram merecedores da alma eterna.”, pois a muitos eram negados os serviços eclesiásticos, inclusive escravos, suicidas, infiéis, pagãos, judeus, heréticos, etc., o que implicava que as vezes os sujeitos eram enterrados sem identificação em covas rasas e com o passar do tempo podiam ser suscetíveis a terem os restos mortais retirados dali para dar lugar a outros cadáveres.

A partir dessa reflexão, Dillmann (2013) afirma que a secularização desses cemitérios, ou seja, a construção desses cemitérios ou necrópoles consagra a separação do Estado e da Igreja. Enquanto passam por mudanças visíveis no século XIX- devido ao desenvolvimento das Ciências Médicas, como explana Oliveira (2018), e uma maior atenção do Estado com a questão da higienização dos espaços urbanos por conta das epidemias existentes que causaram milhares de mortes e a criação de leis que inclusive impediam o sepultamento dentro de igrejas.

Muitos cemitérios brasileiros atualmente são construções desse período. Segundo Oliveira (2014, p. 01) assim “como grande parte da arquitetura brasileira do século XIX, estes espaços também sofreram forte influência dos padrões europeus, seguindo os modelos dos cemitérios tradicionais da época que sobrevive até os dias de hoje”, pois é nesse momento que surgem os grandes projetos dos cemitérios urbanos no país e inclusive as inumações passam a ser feitas em áreas mais afastadas das cidades chamadas de “campo santo”<sup>4</sup>, saindo assim das igrejas.

No entanto, não podemos afirmar que esse processo foi completamente aceito e inquestionado pela sociedade brasileira. Segundo Dillmann (2013), isso gerou uma revolta popular que ficou conhecida como a Revolta da Cemiterada.<sup>5</sup> Embora essa revolta tenha acontecido na Bahia, ela serve para mostrar que a mudança foi vista pela população como uma agressão à memória dos mortos e uma profanação tão profunda que impediria a salvação das suas almas. Somente décadas depois, de acordo com Oliveira (2018), em meados de 1850, que

---

<sup>4</sup> Campo Santo (ou cemitério secularizado) é uma nova tipologia arquitetônica que surge a partir do século XIX no Brasil, um local de inumação extramuros da igreja, que é construído e benzido se tornando solo sagrado e divino, para os mortos estarem em “contato” com o senhor mesmo não estando sepultados intramuros na igreja ou seu arredor.

<sup>5</sup> Revolta que aconteceu em Salvador – BA em 25 de outubro de 1836, na qual a população, inflamada pelos desejos das irmandades da cidade de manter o monopólio das inumações intramuros eclesiásticas, destrói o cemitério extramuro que foi construído, em revolta à Lei do Cemitério elaborada em 1835 no estado.

a resistência da população quanto a construção e secularização dos cemitérios irá reduzir, principalmente por causa das epidemias de cólera-morbo<sup>6</sup>, o que, segundo Caino e Roedel (2017), conseqüentemente faz com que a partir de então os ideais sanitaristas passem a ordenar as cidades.

Mesmo sendo inserida no Brasil no século XIX, essa prática não era novidade para o resto do mundo. De acordo com Oliveira (2018, p. 12), a “transfiguração do cemitério em uma nova instituição social e cultural representou, sobretudo, a privação do controle eclesiástico sobre a morte e sobre os mortos no Ocidente” e, dentro dessa nova ordem, conseqüentemente não há mais o convívio semanal dos vivos com os mortos nas igrejas. Para Caino e Roedel (2017), ele fica cada vez mais esparso com o tempo, fazendo com o que o elo da morte e Igreja fosse mudado para os vivos, aspecto que é reiterado por Oliveira (2018, p. 12) ao explicar que:

A partir da subordinação dos novos Campos Santos ao poder público, ou seja, à racionalidade administrativa do Estado, os mortos romperam elos simbólicos e seculares com a Igreja, que resguardava no princípio do sepultamento intramuros a garantia de salvação eterna das almas dos mortos. No entanto, a implementação dos novos espaços da morte – geralmente situados nas periferias das cidades – resultaria em mudanças profundas nas atitudes dos vivos diante da finitude humana, o que acarretou na alteração da sensibilidade coletiva frente ao destino dos mortos (Ibidem: 30).

A alteração tanto do local de inumação quanto dos rituais fúnebres acaba fazendo com que a perspectiva de morte se transforme, deixando de ser algo familiar às pessoas. Ao invés disso, de acordo com Oliveira (2018) passa a ser tratada com certa aversão e como um fenômeno separado do cotidiano, quase que imaginário. A inserção dos cemitérios seculares nas cidades influencia também a arquitetura cemiterial o que acaba gerando uma nova construção social a qual acaba segregando o lugar dos mortos, geralmente para as periferias dos centros urbanos, no entanto, o que isso traz para o resto das pessoas da sociedade é garantir que, (OLIVEIRA 2018) em tese, todos os indivíduos (religiosos ou não) teriam acesso ao sepultamento secularizado.

No entanto, essas novas atitudes não impedem as pessoas de fé católica, por exemplo, principalmente as mais abastadas, de aproveitar o território para utilizar a arquitetura tumular para representar os símbolos da fé cristã. Para Oliveira (2018) é desse modo que a Igreja Católica permanece nos cemitérios, mesmo que sejam eles extramuros, já que segundo Dillmann (2013) o fato da igreja não estar mais gerindo tanto os sepultamentos quanto os locais

---

<sup>6</sup> Doença infecciosa intestinal aguda que ocorre principalmente pela ingestão de água contaminada por fezes ou vômitos dos doentes ou pela ingestão de alimentos contaminados que foram manipulados pelos portadores, ocorre principalmente pelas condições inadequadas de saneamento básico e higiene pessoal. (CÓLERA, 2023).

deles não diminui a religiosidade das pessoas. Já a partir do século XX com a questão da modernidade e a mudança no “estilo de vida” da sociedade na qual tudo é mais “corrido” e tempo é essencial, as pessoas já não tem mais tempo para a reflexão da morte. De acordo com Ariès (2014), a modernidade acaba por expulsar a morte do nosso cotidiano.

Diante disso a criação desses cemitérios abre possibilidades de as mais variadas fés se expressarem através de símbolos e de memória, principalmente com a personalização dos túmulos e jazigos, por exemplo, que podem ser construídos com os mais diversos materiais e dimensões. Para o historiador Nora (1993) os cemitérios estão diretamente ligados à memória não somente por existirem através de períodos históricos, mas também porque desde sua construção ele é configurado para perpetuar a memória de um indivíduo. Caino e Roedel (2017, p. 10) reiteram esse argumento afirmando que:

Além de um superartefato integrante da cidade, os cemitérios atuam como lugares de memórias sendo capazes de localizar o sujeito no mundo e promover perenes lembranças daquele que partiu. Finalmente, na frágil linha entre lembrança e esquecimento os túmulos surgem, geralmente, para corroborar o primeiro caso. A atitude de lembrar traz a figura do morto de volta à vida, mesmo em um ambiente embebido na morte, que é o cemitério. A lembrança é o que aciona uma série de relações dos vivos com a sepultura, estabelecendo novas ligações entre pessoas e túmulos que irão corporalizar e chamar de volta à vida aquele que partiu.

No caso dos cemitérios de guerra, como é o caso do Cemitério dos Degolados, eles não são necessariamente construídos, mas são consequências das ações dos seres humanos durante diversos períodos históricos, sejam eventos massivos como guerras mundiais ou pequenas batalhas regionais. Piovezan (2011) complementa que há uma tendência mundial, que se inicia no Brasil por volta da década de 1930, de proliferação de memoriais e também mausoléus coletivos destinados aos mortos tanto conhecidos quanto desconhecidos caídos em guerra, no sentido de homenagear e lembrar dessas pessoas.

Os conflitos armados e sangrentos costumam produzir valas comuns, corpos enterrados sem cabeças, e apenas depois são compreendidos como parte da história. Isso aconteceu com a Revolução Federalista e com muitos conflitos posteriores que utilizavam a degola e a decapitação como forma de luta – separar a cabeça do corpo, alma penada etc. Comum também era a prática de enviar a cabeça como recompensa para determinado sujeito da oposição como demonstração de poder.<sup>7</sup> O que temos que nos perguntar, talvez, é diante de tal construção

---

<sup>7</sup> É o caso do Comandante Militar maragato Gumercindo Saraiva que foi assassinado pelos chimangos no combate de Carovi – RS e teve sua cabeça degolada e enviada ao governador Júlio de Castilhos, nesse meio tempo, seu filho Francisco Saraiva e alguns companheiros foram em busca de resgatar sua cabeça, história que inclusive virou um livro e posteriormente em um filme. (Filme: A cabeça de Gumercindo Saraiva – 2018).

cultural, como mantemos a memória, pois em alguns casos, principalmente no Cemitério dos Degolados, os túmulos e o local em si não foram suficientes para eternizar a memória dos indivíduos que se encontram inumados ali.

Na concepção de Nora (1993, p.13) para que possamos perpetuar um local de memória é preciso que haja a vontade de preservá-la. Em suas palavras:

[...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.

Esses aspectos consistem de maneira muito semelhante ao que conseguimos identificar ao analisar o Cemitério dos Degolados. Por décadas não houve o intuito de preservar essa memória e tudo o que temos de documentação atualmente é o que foi preservado a partir do momento que a sociedade percebeu sua importância. Caino e Roedel (2017, p. 06), auxiliam na compreensão desse processo, ao considerarem que “o cemitério é um agente na memória, pois ativa lembranças, provoca os vivos a pensarem nos mortos, suscita curiosidades, seja por sua monumentalidade, iconografia e/ou antiguidade”.

Os cemitérios de guerra se diferem dos demais pelo fato de que, independentemente da região, eles são resultados do conflito tanto direta quanto indiretamente. Alguns deles são soterrados e/ou “esquecidos”, como Lino (2012) aponta; outros, são tomados pelo crescimento de comunidades ou cidades emergentes. No entanto, os que conseguimos ter acesso são fontes primordiais para entender os conflitos nos quais foram inseridos. Alguns deles, como é o caso do Cemitério dos Degolados, estão intrincados na paisagem local de passagem, fora dos perímetros urbanos. Contudo, apesar de, talvez, não povoarem a memória daqueles que passam por eles, permanecem a povoar a paisagem mesmo depois dos conflitos.

Segundo Caino e Roedel (2017, p. 07), à medida que o tempo passa e as gerações se dispersam, o cemitério, ou melhor, as pessoas ali sepultadas, podem vir a ser o único vínculo de alguém com o lugar. Mesmo não havendo documentação das pessoas que estão inumadas no Cemitério dos Degolados, em Santo Augusto, nem inscrições, nem túmulos, nem registros de sepultamento oficiais, não significa necessariamente que em determinado momento esses indivíduos não tiveram significado para alguém.

## 1.2 O CEMITÉRIO ENQUANTO PATRIMÔNIO

Em 1980, o Cemitério dos Degolados passou por um processo de patrimonialização na Prefeitura. Os patronos dos Centro Tradicionalista Gaúcho (CTG) e do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) da cidade de Santo Augusto, preocupavam-se em preservar este pedaço de memória e da história do Rio Grande do Sul, levando o caso à atenção da prefeitura da cidade. Com ênfase na importância de preservação do local, neste ano, segundo Oliveira (2000), o prefeito Alecrides Sant'Anna autorizou a limpeza do cemitério e a colocação de uma placa (Figura 1) explanando o evento e no ano de 1989 houve a aprovação da Lei nº 844 de 25 de maio de 1989 segundo a qual, pelo artigo primeiro (1º), o Cemitério dos Degolados tornou-se um Marco Histórico da cidade de Santo Augusto<sup>8</sup>. Na imagem a seguir, consta a Placa do cemitério:

Figura 1 - Placa Original do Cemitério dos Degolados (1980).



Fonte: Odilon Gomes de Oliveira (2000).

<sup>8</sup> Assim como outros locais nos quais também aconteceram atos bárbaros e sangrentos do mesmo período histórico, nesse caso específico o local conhecido como Grito do Quinzote, o qual avaliamos ao longo do texto.

A questão sobre os Patrimônios Culturais, no entanto, é a sua complexidade, tanto de definição quanto do que deve ser preservado e como eles estão inseridos em cada cultura do mundo. Segundo Ferreira (2006, p. 79) tanto patrimônio quanto memória podem conter diversos sentidos e definições além das origens jurídicas dos termos. Para a autora:

Abordado nessa condição de categoria de pensamento, o patrimônio pode ser compreendido como esse esforço constante de resguardar o passado no futuro; e para que exista patrimônio é necessário que ele seja reconhecido, eleito, que lhe seja conferido valor, o que se dá no âmbito das relações sociais e simbólicas que são tecidas ao redor do objeto ou do evento em si.

A partir do século XX, segundo Rocha (2012), inicia-se o processo de estabelecer o que é Patrimônio Cultural no Brasil e também os critérios de como proteger e preservá-lo por meio de comissões e conferências. Desde a primeira medida oficial tomada em 1936 até o artigo 216 da Constituição Federal Brasileira de 1988 há a preocupação com o Patrimônio Cultural Brasileiro. Conforme consta na Carta Cidadã:

[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

**I** - as formas de expressão;

**II** - os modos de criar, fazer e viver;

**III** - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

**IV** - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

**V** - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, Art. 216, 1988)

Segundo Lemos (1981, p. 08) quem trouxe a problemática da definição de Patrimônio Cultural foi o professor francês Hugues de Varine-Bohan, que sugere que ele “seja dividido em três grandes categorias de elementos”, a primeira categoria ou grupo seria dos recursos naturais, do meio ambiente; a segunda seria dos elementos não tangíveis, o conhecimento, o saber, o saber fazer, etc. e a terceira seriam bens culturais e artefatos, que englobam várias coisas, e segundo o autor, é o grupo mais importante dos três.

É neste grupo ou categoria do qual o professor Varine explana que este tema de pesquisa se encaixa, é um patrimônio histórico-cultural material e imaterial, pois ele está fisicamente lá, mas existem lendas que assombram os moradores do local o tornando um pouco místico. Trazendo assim uma espécie de memória coletiva que se formou sobre o local, que Halbwachs (1990, p. 81-82) define como um fenômeno coletivo e social que se desenvolve em um quadro espacial e que retém do passado apenas “aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.”.

Após ser possível distinguir e definir os patrimônios históricos, temos que nos perguntar como iremos preservá-los tanto em sua grandiosidade quanto em sua totalidade e veracidade histórica. A preocupação em preservar os patrimônios históricos nem sempre é oriunda da mesma classe social, do mesmo objetivo ou até mesmo sobre a mesma categoria de artefato, no entanto, segundo Lemos (1981, p. 29):

[...] preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma grande cidade velha. Preservar também é gravar depoimentos, sons, músicas populares e eruditas. Preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares. É fazer, também, levantamentos, levantamentos de qualquer natureza, de sítios variados, de cidades, de bairros, de quarteirões significativos dentro do contexto urbano. É fazer levantamentos de construções, especialmente aquelas sabidamente condenadas ao desaparecimento decorrente da especulação imobiliária.

O intuito de preservar um bem, seja ele material ou imaterial, considerado valioso, serve conjuntamente para que a memória daqueles que ainda vivem e dos que já foram também não seja perdida, principalmente em regiões nas quais os patrimônios históricos costumam ter uma ligação forte com a cultura e identidade local. Os cemitérios são ricas fontes de pesquisa. Segundo Grassi (2016, p. 01), eles são:

tomados como locais de construção de memórias individuais e coletivas, [...] podem ser tidos como resumos simbólicos das sociedades nas quais foram inseridos. Assim, representam um significativo campo para a valorização do patrimônio.

No caso do Cemitério dos Degolados, por um lado, segundo Oliveira (2000), temos um sítio que nos é apresentado por meio de uma memória tangível, pois podemos visitá-lo. Por outro lado, também temos memórias locais, individuais e coletivas e também do símbolo que ele representa. Tudo o que temos de documentação sobre a batalha que aconteceu no local são trazidas pelas memórias daqueles que vivenciaram aquele conflito e passaram adiante o seu conhecimento, a sua memória para os seus descendentes. Tal aspecto, em termos de preservação é essencial, pois, segundo Rocha (2012, p. 03), a memória herdada “pode ser considerada como um elemento pertencente ao sentimento de identidade, tanto individual quanto coletivo” e, com o auxílio dela, reconhecer acontecimentos passados relevantes para a História regional.

Mesmo que as pessoas que vivenciaram a origem do Cemitério dos Degolados não estejam mais vivas, elas vivem na memória de seus descendentes, e mesmo tendo sido deixado de lado por muitas décadas, o sítio ainda sobrevive e vive na memória e cotidiano das pessoas que habitam a região. Halbwachs (1990, p. 84) considera que:

Em todo o caso, uma vez que a memória de uma sociedade se esgota lentamente, sobre as bordas que assinalam seus limites, à medida em que seus membros individuais, sobretudo os mais velhos, desapareçam ou se isolem, ela não cessa de se transformar,

e o grupo, ele próprio, muda sem cessar. É, aliás, difícil dizer em que momento uma lembrança coletiva desapareceu, e se decididamente deixou a consciência do grupo, precisamente porque, basta que se conserve numa parte limitada do corpo social, para que possamos encontra-la sempre ali.

Para Rocha (2012, p. 04) o patrimônio é “algo que recebemos do passado, vivenciamos no presente e transmitimos as gerações futuras”, e com o Cemitério dos Degolados conseguimos observar claramente que é um símbolo de identidade cultural da região, mesmo não tendo sido devidamente preservado desde sua origem. Segundo Gonçalves (2003), nesse caso não é possível tomar o acontecimento da origem do Cemitério dos Degolados, porém a memória a gente consegue preservar por meio de registros e acompanhamentos. O que acaba por acontecer em alguns casos, inclusive no caso do cemitério que estamos analisando é a questão de mercadoria dos Patrimônios Culturais trazida por Gonçalves (2007, p. 244) na qual eles se transformam em locais de atração turística.

No entanto, essa sua condição de mercadoria está presente não apenas na possibilidade de ser alienado, mas efetivamente na sua condição de objeto de consumo turístico, portanto enquanto suporte de uma determinada imagem que é consumida: o passado nacional, a cultura popular, a cultura nativa, ou antigos bairros de uma cidade [...] (GUIMARÃES, 2004). Compramos essa imagem, ou essa “experiência”, quando visitamos um prédio, uma cidade, ou quando adquirimos suas reproduções. Os patrimônios sempre prometem algo mais do que eles mesmos: prometem a experiência de realidade ausente, distante, e que nos acena por meio de seus fragmentos – em outras palavras, trazem sempre uma promessa não cumprida de totalização.

Mesmo que talvez seja considerado por alguns um “turismo macabro”, quanto mais desenvolvermos estudos cemiteriais mais estaremos nos aprofundando e abrindo portas para mais pesquisas sobre o tema, o que acaba reiterando a importância histórica desses sítios. Segundo Grassi (2016, p. 01) quanto mais a população visite esses cemitérios tombados<sup>9</sup>, mais haverá o espaço de promovermos a educação patrimonial, o que faz possível haver a sensibilização populacional sobre a importância da “preservação dos dispositivos funerários, a correlação com a história da cidade, suas personalidades, assim como o potencial enquanto patrimônio histórico, artístico e cultural”.

Observando a História através dos seus períodos percebemos a evolução da humanidade em vários campos de conhecimento. De acordo com Oliveira (2014), cada civilização, dos mais variados períodos históricos, criou particularmente seus rituais e símbolos funerários para cultivar e respeitar seus mortos de acordo com sua própria cultura. Há diversas maneiras de encarar a morte, como também de homenagear os mortos e de realizar os ritos funerários,

---

<sup>9</sup> Exemplos de outros cemitérios tombados no Brasil são o Cemitério do Bonfim em Belo Horizonte estudado por Almeida (2016) e o Cemitério Municipal São Francisco de Paula em Curitiba estudado por Grassi (2014).

certamente o contexto histórico em que os indivíduos se encontram ditam muito sobre esses meios de ritualização da morte, assim como as suas próprias culturas, observamos claramente isso desde as sociedades mais arcaicas até as mais modernas. Segundo Pereira (2009, p. 15):

Tão difícil quanto definir a morte é tentar traçar um panorama completo dos vários significados que a mesma assumiu nas sociedades e no tempo. A morte não se refere apenas ao homem, mas a tudo que o cerca, às sociedades, aos sistemas culturais, às tradições que findam e são reinventadas, a resistência ao futuro, à ruptura com o passado.

Da perspectiva histórica, a primeira percepção de morte vem principalmente dos acontecimentos sangrentos, batalhas, guerras, a morte violenta e massacres que são geralmente conhecidos no mundo todo pelas suas barbáries, no entanto há mais o que se observar além disso, outras nuances em que ela está atrelada, tanto culturalmente quanto no cotidiano das pessoas.

Com a secularização dos cemitérios, principalmente ao analisarmos o catolicismo ocidental, Dillmann (2013) explana que há uma intensificação relevante do culto aos mortos no início do século XX que se caracteriza substancialmente pela dimensão cerimonial da morte, na qual um dos intuitos principais desses rituais fúnebres era a garantia do que o autor chama de “boa morte”, ou seja, o interesse dos indivíduos de cuidar dos assuntos religiosos comprando espaços nos cemitérios antecipadamente e construindo seus próprios jazigos e/ou catacumbas garantindo a perpetuação deles e juntamente com isso o desejo de estar preparado para morrer confortavelmente junto as famílias.

A partir dessas transformações culturais significativas, de acordo com Dillmann (2013, p. 278), a “boa morte, visualizada através do outro, através da experiência de morte de um ente querido, era aquela que vinha acompanhada do enterro em túmulos carregados de símbolos funerários, como os grandes jazigos em mármore branco [...]”, o que significa um meio de eternizar a memória dos entes queridos os tornando de uma forma ou de outra “imortais” ao mesmo tempo em que se valida uma posição social abastada, o que faz com que cada cemitério tenha sua própria identidade de acordo com as pessoas que são inumadas ali.

No entanto, na primeira metade do século XX coincide com esses movimentos os eventos da Revolução de 1923 e, conseqüentemente, forma-se o Cemitério dos Degolados que de certa forma apenas existe por seu propósito de inumação de soldadescos “esquecidos” em um dos locais do conflito armado. Já na segunda metade do século XX, Dillmann (2013) reflete que há uma tentativa social de esquecimento da morte, principalmente por conta dos avanços da medicina (ocidental) na qual os enfermos buscam “driblar” a morte a todo custo e prolongar

sua expectativa de vida. A morte já não é mais tão aceita e começa a se tornar tabu, e a questão do “bem morrer” se reflete em uma morte clinicamente assistida, fazendo até com que os funerais se tornem menos lúgubres.

Os rituais de inumação no século XX, de acordo com Dillmann (2013), eram organizados e realizados pelos familiares dos falecidos, e, se caso o morto fosse membro de alguma irmandade religiosa que possuía um cemitério, pelo menos até o fim do período histórico do Brasil Império, a ele era garantido um bom lugar de inumação, e, se não fosse o caso, “poderiam ingressar com o “corpo presente” do defunto, mediante pagamento, desde que existissem catacumbas disponíveis. Por fim, era possível procurar um cemitério público. (p. 17).

Porém, no caso do Cemitério dos Degolados, o cortejo fúnebre acerca da “boa morte e bem morrer” denominado por Dillmann é difícil de ser mensurado, pois se trata de um local marcado pela guerra e pela barbárie. Logo, a luz metodológica e de problematização apresentada aqui nos leva a perceber o quão singular é esse sítio, tanto no significado do seu passado, quanto para a memória coletiva presente ainda na sociedade e da própria cidade de Santo Augusto, refletindo no imaginário de seus cidadãos.

## **CAPÍTULO 2 – A CIDADE DE SANTO AUGUSTO E SUA RELAÇÃO COM A REVOLUÇÃO FEDERALISTA E A REVOLUÇÃO DE 1923**

Nesse capítulo será problematizado o cemitério como memória da cidade, e, brevemente a Revolta de 1923, suas consequências e em que medida ela afetou a região de Santo Augusto. Percebendo em que medida moradores e pessoas que vieram se fixar no local foram afetados por ela, como se ligam ao conflito e as consequências que trouxeram para a cidade desde a Federalista 1893 até a de 1923. O capítulo também discorre em que medida a região sul do Brasil participou e foi afetada por esse conflito, através de uma breve revisão bibliográfica.

### **2.1. A FEDERALISTA E SUA RELAÇÃO COM SANTO AUGUSTO**

A região Sul do Brasil, segundo Neumann (2004), é uma fronteira tripartida. Durante séculos, desde sua colonização europeia, observamos conflitos territoriais significativos para a História, principalmente a do povo gaúcho, como a destruição das aldeias missionárias, a guerra guaraníca, a conquista dos sete povos, a revolução farroupilha, a revolução federalista e também a revolução de 1923. Guilhermino Cesar (1969) considera que:

A formação do Rio Grande do Sul é um dos capítulos mais recentes da história brasileira. Basta dizer que a integração definitiva de seu território só se completou no início do século passado (1801), ao incorporarmos as Missões Jesuíticas da margem esquerda do Rio Uruguai.

Mas, justamente por ter sido o único ponto do território nacional em que a ocupação portuguesa se chocou, de imediato, com a espanhola, a fisionomia do Rio Grande foi sempre a de uma fronteira em armas. Esta circunstância conformou um tipo de cultura que já aí começa a diferenciar-se da do resto do País. (p. 29)

A República, quando foi instituída no ano de 1889 como forma de governo no país, acabou por tornar as antigas províncias em estados e estes adquirem autonomia econômica, política e administrativa, a partir deste momento a antiga província de São Pedro do Rio Grande se torna o estado do Rio Grande do Sul. No entanto, as disputas pelo poder no estado continuam, e podemos observar dois partidos<sup>10</sup> se sobressaindo ao exercer influência política: O partido

---

<sup>10</sup> Os partidos políticos são uma construção social relativamente recentes oriundos do século XVIII, no entanto, desde as repúblicas da antiguidade, chama-se de “partido” as facções que as dividiam, assim como os clubes das assembleias revolucionárias da década de 1889 e também os comitês que eram responsáveis por preparar as primeiras eleições das monarquias constitucionais do período moderno, porém todos possuindo um objetivo semelhante de conquistar o poder e exercê-lo. (AZAMBUJA, 1969).

republicano rio-grandense e o partido federalista. De acordo com Azambuja (1969) os partidos políticos geralmente possuem duas tendências que são fundamentais para compreendê-los, ou são conservadores ou são inovadores e uma de suas principais características é a intenção de conquistar o poder público para implementar uma política que pode ou não ter raízes filosóficas e/ou científicas.

No final do século XIX entre os anos de 1893 e 1895 no Estado do Rio Grande do Sul (RS) ocorreu a Revolução Federalista. Esse conflito foi uma contestação muito significativa para a República brasileira recém emergente, pois ameaçou a estabilidade do regime ao acabar juntando-se a outras revoltas, como a Revolta da Armada<sup>11</sup>. Segundo a historiadora Helga Piccolo (1990) o que aconteceu durante o período da Revolução Federalista foi na realidade uma guerra civil, a partir da qual se definiu a hegemonia política no Rio Grande do Sul, com os republicanos no poder e a queda dos liberais cujo poder predominou durante boa parte do período Imperial brasileiro.

A guerra então se constituiu pela insatisfação dos federalistas ao controle e domínio político do Partido Republicano Rio-Grandense de Júlio de Castilhos. Os dois grupos políticos envolvidos no conflito eram os legalistas (chimangos) e os federalistas (maragatos<sup>12</sup>). Os legalistas defendiam a centralização política, o presidencialismo, o positivismo, o governo federal, e seu representante era Júlio de Castilhos. Os federalistas defendiam um sistema descentralizado e buscavam o parlamentarismo, seu intuito era destituir Júlio de Castilhos do poder do Rio Grande do Sul e contestavam a política implantada pelo Governo Federal após a Proclamação da República de 1889.

Em fevereiro de 1893 houve o primeiro conflito armado da Revolta, os federalistas finalmente agem para derrubar o governo de Júlio de Castilhos no Rio Grande do Sul. Nesse ano o presidente da República era Floriano Peixoto, como o movimento ameaçava de certa forma o regime presidencial no Brasil, de acordo com Mocellin (1989), Peixoto “não teve outra opção” a não ser aliar forças com o governo gaúcho de Júlio de Castilhos. No entanto, logo o conflito que estava na Região Sul tomou âmbito nacional, pois os maragatos opositores ao

---

<sup>11</sup> A Revolta da Armada aconteceu entre os anos de 1891 a 1894 no Rio de Janeiro. (MOCELLIN 1989).

<sup>12</sup> “Apôdo político, surgido em 1893, para crismar pejorativamente, os revolucionários parlamentaristas de Gaspar Silveira Martins [...], portanto, chamá-los de estrangeiros invasores, *mercenários*, em última instância [...]”. (ORNELLAS, 1969, p. 43).

É também todo o homem nascido na cidade ou Departamento de São José (Uruguai) segundo o *Vocabulário Rio-Platense* de Daniel Granado, e também aqueles que nasceram na Patagônia segundo o *Vocabulário Criollo-Espanhol* de Ciro Rayo. (ORNELLAS, 1969, p. 45).

governo de Floriano Peixoto tomaram a oportunidade de defender o movimento federalista no Rio Grande do Sul. Mesmo assim a questão federalista era encarada de formas diferentes nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul. Para Pesavento (1983, p. 73):

O Rio Grande, com sua economia regional voltada para a defesa do mercado interno, tinha interesses diferenciados do setor agroexportador cafeeiro. Da mesma forma, gaúchos e paulistas tinham diferente entendimento da questão federalista. Enquanto o PRR postulava um federalismo extremado, que garantisse autonomia à região, preservando-a da interferência do centro, o PRP era adepto de um federalismo moderado, no qual se permitisse que a União (ou aqueles que controlassem o poder central) manipulasse os interesses dos pequenos estados em seu favor.

Embora concentrado no Rio Grande do Sul, o conflito ultrapassou os limites regionais e os federalistas avançaram para os estados de Santa Catarina e Paraná. Nos primeiros anos da Revolta, os maragatos saíram vitoriosos em alguns dos embates e sob a liderança de Gumercindo Saraiva<sup>13</sup> conseguem avançar para Santa Catarina, e também no início do ano de 1894 a Revolução Federalista junta-se à Revolta Armada no estado do Paraná e juntos tomam a cidade capital Curitiba em janeiro.

Segundo Mocellin (1989), somente em maio de 1893, é que legalistas e federalistas se encontram em batalha na cidade de Inhanduí – RS e após cerca de sete horas de embates os federalistas tiveram que se retirar para além da fronteira para se reagrupar, pois estavam sem armamento o suficiente para conseguir sobrepor às forças legalistas enviadas por Júlio de Castilhos. Somente Gumercindo Saraiva permaneceu no Rio Grande do Sul após essa batalha com cerca de mil e cem homens, para que o espírito da Revolução não fosse abalado e para continuar com os ataques relâmpagos aos diversos distritos para não deixar parecer que os legalistas haviam ganho a guerra.

No entanto, a falta de um objetivo político em comum entre as lideranças federalistas e a inexistência de um comando de batalha unificado, fez com que a organização dos próximos passos do plano de ocupação do Brasil ficassem desordenados, o que permitiu a reorganização do presidente Marechal Floriano Peixoto e suas tropas, para que pudesse iniciar um contra-ataque poderoso que, inclusive, permitiu a derrota de Saldanha da Gama na Baía de Guanabara no Rio de Janeiro, impedindo que os federalistas entrassem no estado. Peixoto conseguiu

---

<sup>13</sup> “Na invasão do Rio Grande do Sul, de 1893, pelos revolucionários federalistas que abandonavam o exílio político do Uruguai, a vanguarda que penetrou o nosso Estado, com armas nas mãos, tinha o comando de Gumercindo Saraiva, rio-grandense nascido na fronteira de raia seca, mas irmão de Aparício Saraiva, chefe político da Banda Oriental. [...] Gumercindo trazia, ademais muitos combatentes voluntários – de São José, porque, naqueles tempos, as revoluções, desta ou daquela banda, eram sucessos de interesse comum.” (ORNELLAS, 1969, p. 43).

organizar a frente de São Paulo nesse meio tempo também, forçando os federalistas a retornarem ao Rio Grande do Sul cada vez mais, recuando também do Paraná e de Santa Catarina.

Após a morte de Gumercindo Saraiva, os rebeldes dividiram-se em duas colunas, para que pudessem continuar resistindo: A Brigada Missioneira liderada por Dinarte Dorneles e uma outra brigada comandada por Aparício Saraiva. A primeira logo foi derrotada em Laranjeiras, porém as forças de Aparício Saraiva mesmo tentando sem sucesso ainda tomar o distrito de Santa Cruz, tiveram que recuar para a Argentina para sua própria proteção.

A Revolução Federalista ficou conhecida como “A Revolta da Degola” pelo seu caráter extremamente violento de ambas as partes dos combatentes, mas também pela quantidade de mortos por esse método antiquado e cruel de abatimento, e conforme eram obtidos os relatórios das batalhas (por ambos os lados), as “vinganças e acertos de contas” se tornavam cada vez mais bárbaros. A historiadora Sandra Jatthy Pesavento (1983, p. 90-91) reitera esses fatos, explicando que:

Talvez os incidentes que se tornaram mais tristemente famosos pelos atos de terror foram os do Rio Negro e Boi Preto. No combate de Rio Negro, próximo a Bagé, o chefe maragato Joca Tavares, vencendo os castilhistas e as tropas federais que os auxiliavam, mandou degolar mais de 300 homens jogando os cadáveres nos rios. Como represália, o chefe republicano Firmino de Paula, na batalha do Boi Preto, ordenou a degola de aproximadamente o mesmo número de federalistas. O mesmo Firmino de Paula, após a morte de Gumercindo, mandou desenterrar seu cadáver e degolá-lo.

O excerto acima demonstra a baixa de soldados federalistas próximo a Bagé, no estado gaúcho. Com a posse do novo Presidente da República, Prudente de Moraes, em 15 de novembro de 1894, começaram as negociações de paz, Pesavento (1983, p. 95) reflete que “No decorrer do ano de 1895, a guerra se concentrou não só no Rio Grande do Sul. A morte dos principais líderes revoltosos – Gumercindo Saraiva, Saldanha da Gama – de uma certa forma favoreceu as negociações de paz”, o desânimo das tropas federalistas e a falta de uma liderança coesa e unificada finalmente fizeram seu efeito.

Pois, como Mocellin (1989, p. 36) aponta, mesmo dentro da organização federalista, haviam divergências quanto aos objetivos principais da Revolta, “Silveira Martins defendia a instauração de uma república parlamentarista; Saldanha da Gama, a restauração da monarquia, e Gumercindo Saraiva e outros caudilhos<sup>14</sup> viam com bons olhos o separatismo”. Dentro dessa

---

<sup>14</sup> Oriundo da palavra em latim “*capitellus*” é um líder ou chefe político e militar, que pode ou não possuir suas próprias forças militares privadas.

questão ideológica, a vantagem dos legalistas nesse período foi justamente os objetivos em comum que possuíam, e, portanto, no dia 23 de agosto de 1895, selou-se um acordo de paz político na cidade de Pelotas – RS.

No entanto, mesmo após cessada oficialmente a “Revolta da Degola”, no ano de 1895, os ânimos no Rio Grande do Sul não estavam apaziguados. As frentes políticas e suas ideologias ainda permaneciam fortes e enraizadas nos gaúchos, principalmente nas regiões onde a família se tornava uma extensão de um “lado” a se posicionar politicamente. Azambuja (1969) traz a concepção de que os indivíduos são arrastados forçosamente pelos seus clãs, suas classes sociais, suas castas, etc., desde seu nascimento pelo fato de pertencerem e neles permanecem por instinto ou características congênitas, ao contrário dos partidos políticos que seriam “agrupações voluntárias”. Nesse sentido, essa concepção política parece estar intrínseca nas famílias da região de Santo Augusto, principalmente após os eventos da revolução federalista dos quais alguns deles participaram.

O cenário político do Rio Grande do Sul continuou delicado, e segundo Azambuja (1969, p. 344), desde a fundação do Partido Federalista em 1892 ele sempre foi a oposição vigilante do Partido Republicano, porém sem possuir muita influência política significativa no cenário político do Rio Grande do Sul, sendo somente em 1922 que “o dissídio entre o Governo Federal e o do Estado, em torno à sucessão presidencial da República, determinou a união de correntes oposicionistas para combater o longo domínio do Partido Republicano”, apresentando Assis Brasil como candidato das oposições coligadas à presidência do estado contra o candidato à reeleição republicano Borges de Medeiros.

No entanto, no ano de 1923 maragatos e chimangos se enfrentam novamente, dessa vez pelo resultado da eleição, a qual pela quinta vez consecutiva o republicano Borges de Medeiros vence. Os maragatos, indignados, alegando fraude eleitoral pegam em armas e iniciam a Revolução de 1923, que de acordo com Moreira (2023, p. 01) foi um:

Movimento revolucionário deflagrado no Rio Grande do Sul em janeiro de 1923, sob a liderança de Joaquim Francisco de Assis Brasil, em reação à reeleição de Antônio Augusto Borges de Medeiros para o quinto mandato como presidente do estado. A guerra civil prolongou-se até dezembro do mesmo ano, quando se encerrou com a derrota dos rebeldes e a assinatura do Pacto de Pedras Altas.

No que deveria ser o dia de posse de Borges de Medeiros, em janeiro de 1923, houve o primeiro indício de que haveria outro conflito revolucionário para depor um governo no Rio Grande do Sul, segundo Moreira (2023, p. 06), porém, a diferença desta vez é que, de acordo

com a autora, “A correlação de forças, no entanto, se mostrou desde o início desfavorável aos rebeldes: enquanto Borges conseguiu mobilizar cerca de 12 mil homens [...] os rebeldes só conseguiram arregimentar a metade desse número.”. Já a tática utilizada pelos federalistas para tentar transpor esse número de combatentes foi a de fragmentar as suas tropas e os seus comandos, ou seja, como retrata Moreira (2023, p. 06):

[...] por meio de uma série de levantes regionais, as oposições procuravam garantir o afastamento dos republicanos de todos os cargos e a anulação da Constituição estadual castilhistas. Segundo Artur Ferreira Filho, “a Revolução de 1923 não obedeceu ao critério de um comando geral, como sucedeu em [18]35 e [18]93. Nas diversas ocasiões, os caudilhos organizaram colunas ligeiras, independentes umas das outras”.

O que podemos perceber que foi o que sucedeu na região do nosso estudo, na qual temos várias frentes se enfrentando, com vários piquetes sendo organizados e recrutados e é nesse cenário que nasce o Cemitério dos Degolados em Santo Augusto – RS.

## 2.2 REFLEXOS DE UM CONFLITO EM MENOR ESCALA: O CASO DE RINCÃO DE SÃO JACOB

O primeiro nome dado ao atual município de Santo Augusto foi Rincão de São Jacob em meados do século XIX. A formação do território, segundo o IBGE (2019), se dá a partir de fazendas e estâncias de alguns sujeitos que receberam a concessão de Cartas de Sesmarias em terras “desabitadas<sup>15</sup>” no planalto gaúcho, que foram emitidas pelos Comandantes Gerais das Missões, no entanto, o professor Oliveira (2000) elucida que as primeiras referências de ocupação dos campos da região são oriundas do período jesuítico espanhol, no qual os habitantes eram principalmente os indígenas e a economia era baseada na extração de erva-mate até, eventualmente, haver o “abandono<sup>16</sup>” das missões por esses indígenas que após a conquista portuguesa acabam retornando às florestas e criando toldos indígenas alheios à população branca que começava a ocupar a região.

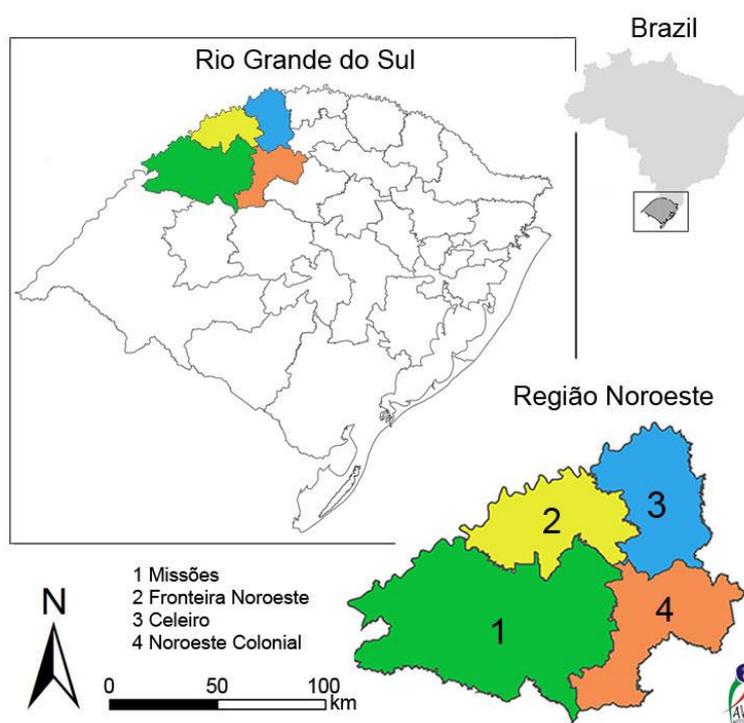
---

<sup>15</sup> Desde a ocupação da Laguna dos Patos na região de Porto Alegre pelos portugueses no século XVIII, há o objetivo de “povoar” esse território “sem dono”, ou seja, povoá-lo por brancos, no entanto, “Pondo de lado as reservas missionárias que então se achavam sob o domínio da Espanha, os índios que deambulavam pelos campos e canhadas rio-grandenses, desgarrados de tribos já desfeitas, acabariam desaparecendo quase por completo do nosso mapa demográfico.”, ou seja, as terras eram consideradas desabitadas, pois a população indígena não era vista como dona legítima do território. (VELLINHO 1969, p. 51).

<sup>16</sup> Há uma relevante diminuição na população indígena nas missões principalmente após o banimento dos padres jesuítas do território até a conquista portuguesa de 1801, na qual alguns acabam retornando para as florestas onde encontramos hoje a origem dos toldos indígenas do Inhacorá, Guarita, Nonoai, etc. (OLIVEIRA 2000).

Deste primeiro período de ocupação restaram os caminhos de ligação entre as antigas missões, os antigos ervais missioneiros e os novos agrupamentos indígenas. A cidade de Santo Augusto está localizada na Região Noroeste do Rio Grande do Sul (Figura 2), especificamente na Região Celeiro, entre os rios Cordilheira do Campo Novo (Norte), Cordilheira do Ijuí (Sul), Rio Turvo (Leste) e Rio Inhacorá (Oeste).

Figura 2 - Região Noroeste do Rio Grande do Sul.



Fonte: Projeto Ave Missões.

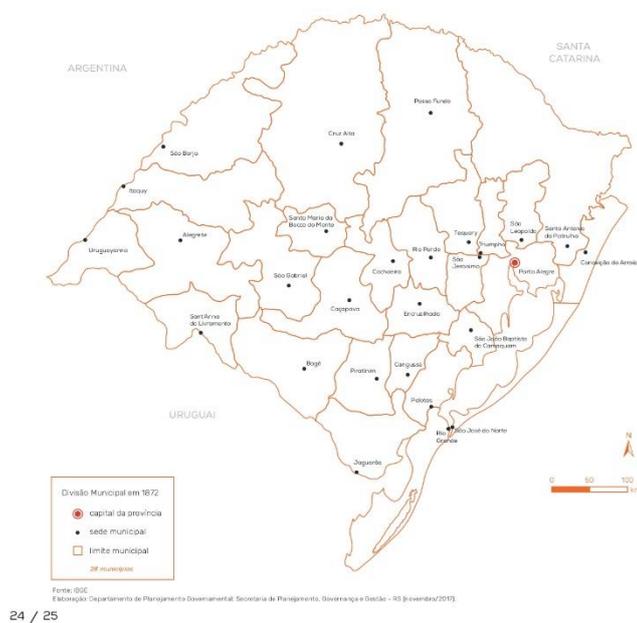
O Rincão de São Jacob no seu surgimento como uma localidade foi integrante do território de Cruz Alta – RS, cidade que manteve a mesma nomenclatura até os dias de hoje e que desde o povoamento estabelecido em 1810 é considerada “Município Mãe da Região”. Duas décadas após esse momento, segundo o IBGE (2019), na data de 05/08/1834:

[..] Palmeira passa a ser o 5º Distrito de Cruz Alta e o Rincão de São Jacob passa a integrar o seu território até 1857. Nesse ano, Cruz Alta sofre nova divisão territorial com a criação da freguesia de Santo Antônio da Palmeira em 14-01-1857, e com a criação do 4º Distrito da Campo Novo em 30-05-1857 pertencente a Cruz Alta, passando o Rincão São Jacob a integrar o território desse novo Distrito, de acordo com a descrição dos limites que fornecem elementos para comprovar essa situação, que vigorou até 1875, quando em 29 de março, pela Lei nº 964, Campo Novo deixa de ser o 4º Distrito de Cruz Alta e passa a ser o 3º Distrito de Palmeira, continuando esse Rincão a fazer parte de Campo Novo, agora subordinado à Palmeira, até o ano

de 1928, quando pelo ato municipal nº 119, de 18-02-1928, já como Santo Augusto a ser Distrito de Palmeira.

O mapa abaixo (Figura 3) demonstra a delimitação do perímetro do distrito de Cruz Alta no ano de 1872, mostrando a vastidão do território que engloba a região Noroeste, e conseqüentemente a área da região Celeiro que foi supracitado na figura anterior. Como os embates da revolta não aconteceram somente nessa região, esse mapa auxilia em uma breve distinção dos perímetros em que ocorreram as batalhas da revolução federalista durante o final do século XIX.

Figura 3 - Mapa do distrito de Cruz Alta no ano de 1872.



Fonte: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (2018).

Ao analisarmos a questão de povoamento da região conseguimos traçar a ocupação dos campos por duas famílias principais (além dos outros “clãs”) extremamente influentes e poderosas que fizeram parte significativa do enredo da revolução federalista e são pioneiras no processo de povoamento dessa área, que são os de Paula e Silva e os Machado. Em relação à ocupação e moradia dessa área, Oliveira (2000, p. 28) relata que Francisco de Paula e Silva, conhecido como Barão do Ibicuí:

Foi o primeiro a ocupar e se instalar, com documento, e, a encaminhar para outros, a primeira ocupação documentada no Rincão de São Jacob. Formou aí a Fazenda Monte Alvão\*\*, da qual, mais tarde, seu filho General Firmino de Paula ocupou seu quinhão

e fundou a Fazenda “AS BRANCAS”.

Após a conquista da região das Missões pelos portugueses houve um interesse grande por parte da coroa de formar estâncias nessas terras e ocupá-las para que, principalmente, a coroa espanhola não pudesse reivindicar as posses “perdidas” como também de melhorar as estradas existentes na região. No ano de 1831 foi entregue a tarefa de examinar os vestígios das estradas (da época que os jesuítas espanhóis lideravam as missões), ou seja, redescobrir os caminhos “esquecidos” até os ervais, para o Barão Francisco de Paula e Silva, que encontrou somente as que seguiam para os ervais da região muito apagadas, no entanto o que ele encontrou realmente foram famílias migradas de São Paulo ocupando terras em busca de uma “vida melhor” (OLIVEIRA 2000).

Francisco de Paula e Silva (1796 – 1879) grande político do Partido Federalista nasceu no ano de 1796 e sendo o primeiro proprietário do Rincão de São Jacob construiu a fazenda Monte Alvão que contava inclusive com uma senzala e até o ano de 1886 já estava toda subdividida. O Barão de Ibicuí foi um grande fazendeiro, guarda-mor<sup>17</sup> das águas minerais de Tibagi, vereador do município de Cruz Alta – RS (1841), foi também, segundo Oliveira (2000, p. 29) “o grande responsável pela ocupação do Rincão de São Jacob por homens que exerceram forte influência na política cruz-altense como João Demétrio Machado [...] e através dos casamentos de suas filhas e filhos [...]”. Irmão de João da Silva Machado<sup>18</sup> (1782 – 1875) o Barão de Antonina, ele se casou no ano de 1829 com Felicidade Perpétua de Avelar Guimarães, com ela teve dez filhos os quais vários seguiram carreira política, no entanto seu filho Firmino de Paula e Silva foi o que mais deu seguimento através de seus descendentes a essa “tradição” familiar (OLIVEIRA 2000).

Firmino de Paula e Silva<sup>19</sup> (1844 – 1930) natural de Santa Maria da Boca do Monte, considerado também um grande fazendeiro. Segundo Oliveira (2000) fundou a fazenda “As Brancas” com sua parte da divisão da fazenda de Monte Alvão que pertenceu a seu pai, foi um militar e um político do Partido Republicano Rio-Grandense, grande defensor do Regime Republicano de Borges de Medeiros e também de Júlio de Castilhos<sup>20</sup>. Após a instauração da República no Estado do Brasil, participou de várias organizações republicanas, inclusive Júlio

---

<sup>17</sup> Antigo Oficial que comandava 20 archeiros ou alabardeiros da casa real.

<sup>18</sup> Importante político, foi senador do Brasil Império, também foi o responsável pela fundação de Rio Negro – PR e pela separação da Comarca de Curitiba, que acabou originando a nova Província do Paraná.

<sup>19</sup> Casado com Margarida das Neves de Paula teve oito filhos.

<sup>20</sup> Do qual ele era parente próximo (primo).

de Castilhos convidou-o para ser Intendente da Vila de Santo Ângelo onde ele governou de 1892 a 1896. Durante a Revolução Federalista comandou a 5ª Brigada da Divisão Norte e foi considerado um dos militares mais polêmicos<sup>0</sup> do período, principalmente por ser conhecido por comandar o “Combate do Boi Preto” em 04 de abril de 1894, episódio qual já revisamos anteriormente, em que ordenou a degola de um contingente de peso de soldados maragatos da tropa do Tenente Coronel Ubaldino de Oliveira Machado em vingança ao que este fizera em sua fazenda “As Brancas”.

Outro fazendeiro pioneiro da região do Rincão de São Jacob foi Chagas Demétrio Machado<sup>21</sup> que trouxe com ele para a região os seus escravos, ascendendo o Clã dos Machado no ano de 1835, fundou a fazenda São Jacob, que de acordo com Oliveira (2000, p. 37-38) “[...] se dividia com a, hoje, Fazenda “As Brancas” e, nos Umbus, com a Antiga Fazenda Ramada.”, essas terras lhe foram passadas por seu parente<sup>22</sup> João da Silva Machado (Barão de Antonina) já a casa da sede da fazenda e a senzala foram construídas por seu filho Antônio Demétrio Machado, inclusive os escravos que permaneceram na fazenda até após a abolição da escravidão (1888) na condição de homens livres serviram nas forças de seu neto Ubaldino de Oliveira Machado na revolução federalista.

Na questão política, segundo Oliveira (2000), a família Machado também se destacou na região. Antonio Demétrio Machado teve seus passos seguidos por seu filho Tenente Coronel João Demétrio Machado que foi vereador do município de Santo Ângelo em três mandatos (1881 – 1883 – 1887) e continuou no cenário político após nomeada a Proclamação da República fazendo parte da presidência da Junta Intendência de Cruz Alta (1891) e após a guerra federalista ele se dedicou a fazer parte do diretório do Partido Federalista também em Cruz Alta (1905). No entanto, a questão militar de armas deste período na família ficou a cargo de seu irmão mais novo Tenente Coronel Ubaldino de Oliveira Machado (1842 – 1910).

Ubaldino de Oliveira Machado<sup>23</sup> nasceu no ano de 1842 nas terras da Fazenda São Jacob, foi fazendeiro como seus ancestrais e mais tarde se tornou político e também militar federalista, o qual era veementemente contra a instauração da República no Brasil, chegando a liderar os maragatos da região contra o General Firmino de Paula e Silva, lutando contra o sistema

---

<sup>21</sup> De que temos documentação concreta ele teve três filhos, Antônio Demétrio Machado, Bernardino Demétrio Machado e Fótico Demétrio Machado, no entanto pode ser que há mais filhos dos quais não consegui registros. (Oliveira 2000).

<sup>22</sup> De acordo com Oliveira (2000).

<sup>23</sup> Casado com Cândida Paiva Machado teve treze filhos.

castilhista e buscando uma forma de governo baseada no parlamentarismo. Foi um militar bastante ativo durante a revolução federalista sendo protagonista de algumas revoltas relevantes do período, no entanto, após o evento histórico da degola do boi preto,<sup>24</sup> que será abordado adiante, ele teve que emigrar para fora do país e só retorna para a fazenda São Jacob após ter findado a revolução, na qual ele permanece debilitado de saúde por alguns ferimentos de batalha até seu falecimento em 1910 (OLIVEIRA 2000).

Neste contexto, temos que destacar os feitos de sua esposa Cândida Paiva Machado (santoaugustense) neste período revolucionário que pode ser considerada um símbolo de força e exemplo do que as mulheres tiveram que suportar durante tempos de guerra. Segundo Oliveira (2000) exatamente por ser esposa de um líder revolucionário da oposição se viu forçada a assumir a segurança, administração e manutenção não somente da fazenda e das propriedades como também do bem estar de toda a sua família praticamente sozinha, assim como defendê-los dos inimigos, principalmente por ter sete filhas mulheres que eram constantemente ameaçadas. Reiterando essa questão, Dourado (1979, p. 288) afirma que:

Em casa da família do coronel Ubaldino, que o acaso livrara de ser morto no Boi Preto, e acha-se emigrado, soubemos horrores de João Ruivo. Mais de uma vez mandara ameaçar à família de Ubaldino de mandar-lhe buscar as filhas para entregar aos acampamentos. João Ruivo é primo irmão d'essas pobres moças que ele ameaça e que por isso vivem em sobressalto.

Para Ubaldino os perigos se concentravam inclusive em sua própria família, seu sobrinho Tenente Coronel João Ruivo legalista, inimigo político e segundo Oliveira (2000) seu grande inimigo pessoal inclusive, mantinha o general Firmino de Paula e Silva muito bem informado sobre os passos do tio. No entanto, Cândida se tornou um grande aparo em sua vida, principalmente nesse período revolucionário no qual ele se encontrava constantemente ausente, ela assumiu a fazenda e impediu que roubassem o gado e a cavalhada para que servissem de munição e transporte para as tropas combatentes opositoras e assegurou a segurança da família, transformando inclusive seu sobrenome “Paiva” em uma referência na região de Santo Augusto (OLIVEIRA 2000).

A cidade de Santo Augusto (Figura 4), como viemos observando, está situada em uma região extremamente marcada pela violência por algumas das épocas mais sombrias e sangrentas da história do Rio Grande do Sul, nas quais as famílias eram abarcadas pelo medo

---

<sup>24</sup> A qual foi uma vingança de Firmino de Paula e Silva, pelo fato de Ubaldino de Oliveira Machado, ao passar por sua fazenda “As Brancas” após retornar de Santo Ângelo com suas tropas, ter tomado seu gado e cavalhada, no entanto ao que Firmino chega no acampamento de Ubaldino este já tinha retornado para a sua fazenda.

dos ataques e das vinganças constantes dos piquetes revolucionários de ambos os lados políticos, e extremamente afetadas pela incrível instabilidade política nacional e também local do período. Principalmente da década de 1920, de acordo com Dallanora (2019), as alianças se tornam volúveis e antigos federalistas se tornam legalistas e o inverso também, fazendo com que a incerteza reinasse no cotidiano político e sociedade em geral.

Figura 4 - Mapa do Município de Santo Augusto no estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu.

A questão da localização do Cemitério dos Degolados em relação à área urbana da cidade de Santo Augusto é a de que ele se encontra bem afastado (Figura 5), na área rural do município, no entanto, como ele está situado às margens de uma rodovia estadual muitas pessoas transitam por ele diariamente. O que devemos manter em perspectiva, talvez, é o fato de que se ele não possuísse essa “visibilidade” já estaria completamente defasado há muito tempo, como alguns dos outros cemitérios antigos que foram deixados sem manutenção e “esquecidos” na região, como é o caso do antigo cemitério da Coxilha, porém podemos refletir que o fato de ele não estar situado no interior de terras particulares das antigas fazendas do século XIX também contribui para que possua um maior destaque como também a significância histórica de como ele se originou.

Figura 5 - Localização do Cemitério dos Degolados na cidade de Santo Augusto.



Fonte: Google Earth.

Observamos que a região apresenta uma divisão entre legalistas e federalistas ao extremo, inclusive quebra as “barreiras” de pertencimento mesmo dentro das próprias famílias locais, nas quais algumas gerações não se encaixam na vertente política de seus parentes e acabam se afastando, principalmente os agentes políticos mais ativos durante as guerras e as revoluções. Podemos perceber como esse caso afeta as famílias “de Paula e Silva” e “Machado”, nas quais, por exemplo, Francisco de Paula e Silva era federalista e seu filho Firmino de Paula e Silva se tornou um dos maiores nomes políticos da região só que pelo Partido Republicano defendendo o lado dos legalistas na questão tanto da Revolução Federalista quanto da Revolução de 1923.

Evidentemente que Francisco de Paula e Silva faleceu antes das duas revoluções acontecerem, e temos que analisar o fato de que Firmino de Paula e Silva também era parente de Júlio de Castilhos, que era legalista e talvez isso tenha influenciado em seus ideais políticos. Podemos nos questionar que tipo de atrito essa família presenciaria se o seu pai estivesse vivo nesse período. Temos o caso da família Machado, na qual Ubaldino era considerado inimigo mortal por seu sobrinho-filho o legalista que inclusive servia nas forças governistas de João Ruivo e, de acordo com Oliveira (2000), possuía todas as ferramentas para informar todos os seus movimentos ao Firmino de Paula e Silva.

Temos conhecimento, além disso, de que os irmãos Jovino e Froylan Rolim também estavam em lados políticos divergentes, mas na Revolução de 1923, e o que encontramos de documentação do caso trazidas pelo professor Odilon Oliveira (2000) é de que havia uma intensa animosidade entre os dois, que poderia partir de seus ideais políticos ou não, disso não temos certeza, mas que sim essa era uma questão que os fez pegar em armas um contra o outro e não demonstrar compaixão ou piedade na hora de se enfrentar em campo de batalha.

Ademais as questões de animosidade entre parentes por questões políticas, percebemos claramente que mesmo sendo famílias influentes no cenário político da região, quando estamos analisando a questão de uma guerra civil, quem fica vulnerável são as famílias que são deixadas para trás, Ubaldino de Oliveira Machado, por exemplo, teve que buscar exílio político, mas tinha filhos e filhas que ficaram na região e eram constantemente ameaçados por seus opositores e não somente, mas também piquetes que utilizavam das revoluções para mascarar sob uma falsa “ideologia política” a resolução de problemas e vinganças pessoais.

Ao refletir sobre a história dessas famílias tradicionais na política da Região Noroeste do Rio Grande do Sul, que ao mesmo tempo estão tão próximas territorialmente, porém tão distantes em seus ideais e crenças políticas, pode-se perceber o quanto a Revolução Federalista e, posteriormente, a Revolução de 1923, fez aumentar as diferenças entre esses “clãs”. No entanto, essas rivalidades não aconteceram somente entre as famílias de Paula e Silva e Machado, mas entre várias outras que inclusive ainda hoje sofrem de alguma forma os resquícios dessa Revolução que de acordo com Pesavento (1983, p. 09) foi “Caracterizada por atos de violência e barbárie de ambas as facções, a chamada “Revolução da Degola” contribuiu para a acentuada radicalização política que o Rio Grande do sul experimentou nos 40 anos da República Velha que se seguiram.”.

## CAPÍTULO 3 – A MORADA DO CEMITÉRIO

Nesse capítulo será tratado na visão desse levantamento e pesquisa bibliográfica, um trabalho de campo, a fim de estudar o cemitério dos “Degolados”, na ótica metodológica das análises cemiteriais para o campo da História, trazendo fotografias dos túmulos, placas e inscrições que por muitas vezes são apagadas e esquecidas. Nessa cidade, existe um problema em relação a esse local, pois, por muito tempo, estas memórias e histórias desses combatentes da Revolução de 1923 foram “esquecidas” e deixadas de lado até que, finalmente no ano de 2015, ele foi revitalizado por ter sido tombado como patrimônio material do município.

### 3.1. OS DEGOLADOS E SEU (DES) ESQUECIMENTO CEMITERIAL

O quadrante norte, dentre os quadrantes derivados do Rincão de São Jacob, é o mais rico em conteúdo histórico como explana Steiner (2014). Por ali passaram diversos personagens icônicos como, por exemplo, Firmino de Paula e Silva, Ubaldino de Oliveira Machado, Getúlio Vargas, Luís Carlos Prestes com a Coluna Prestes<sup>25</sup>, e aconteceram muitos episódios que marcaram a história da região culturalmente, politicamente e socialmente até hoje.

Nesta região há diversos cemitérios que auxiliam a identificar as fases de ocupação do Rincão de São Jacob desde o início do século XIX, que também são ricos em história e nos mostram muito mais que símbolos e arte sepulcral, eles nos dão a relação de tempo, de cultura e de identidade como o Cemitério dos Degolados (que comporta os restos mortais dos oito maragatos mortos por chimangos no ano de 1923), o Cemitério dos Paivas<sup>26</sup>, o Cemitério dos Prates<sup>27</sup>, o Cemitério Municipal Papa João XXIII e, não menos importante, o Cemitério da Casa Branca (Figura 6).

---

<sup>25</sup> De Santo Augusto, Laurindo de Abreu liderava “Os Marianos” que “[...] se apoiava e era o contato direto de Luiz Carlos Prestes e Chicuta Mariano que era a ligação de Leonel Rocha de Palmeira.”. (Oliveira 2000, p. 110).

<sup>26</sup> Localizado nas terras da antiga fazenda de São Jacob ele é “[...] um local histórico cujos restos de esculturas testemunham a época em que se originou e, em decorrência, a dedução, pelos dados gravados nas lápides, do tempo que ali viveram as pessoas que lá estão sepultadas. Inclusive a maior parte dos ancestrais dos Demétrio Machado, até Ubaldino de Oliveira Machado.”. (Oliveira 2000, p. 52).

<sup>27</sup> No qual estão inumados os ancestrais da família Prates como o Coronel João Batista Prates.

“Com a rivalidade entre Firmino de Paula e Ubaldino de Oliveira Machado, por influência daquele, numa faixa de terra entre as Fazendas São Jacob e “As Brancas” no sentido Sul/Norte, se estabeleceu João Baptista Prates, ancestral primeiro desta família em São Jacob. Estabeleceu sua sede à margem da, hoje, RS 155, lado direito no sentido Santo Augusto/Ijuí, [...] mais uma extensão ao sul que incluía o Cemitério dos Prates [...]”. (Oliveira 2000, p. 58).

Figura 6 - Cemitério da Casa Branca.



Fonte: Jornal O Celeiro (2019).

No entanto, através dos séculos estamos, aos poucos, perdendo a identidade e memória destes cemitérios, pois, segundo Oliveira (2000, p. 52) “[...] a falta de consciência histórica dá lugar ao imediatismo e a perda de referências que são de inestimável valor para a pesquisa [...]” o que indubitavelmente acarreta no fato de que estes sítios estão sendo esquecidos e/ou em uma condição de ruínas, deixados ao acaso do tempo ou demolidos para a construção de jazigos mais modernos e sem um plano de conservação patrimonial histórica.

Neste último, há os restos mortais de algumas pessoas que são notórias para a história da cidade de Santo Augusto, como José Conrado de Souza (pai de um ex pracinha da FEB), Lourenço Alves Rodrigues (primeiro industrialista de erva-mate de Santo Augusto), Fulgêncio Alves da Silva<sup>28</sup> (criador de mulas e ervateiro), Hipólita Marques (parteira da região da Casa Branca), assim como os do menino Quinzote que foi torturado por maragatos em 1923 à idade de que especulamos seja entre 15 e 17 anos.

Essa região também é marcada por vários contos oriundos da população local e lendas assustadoras como a do “Pato Bragado” a qual Oliveira (2000, p. 42) diz se remeter a lenda de uma ave de porte “altivo e avantajado, penas brancas e pretas que vivia no Lagoão da Tapera, de onde todas as tardes alçava voo rumo ao Taperão e pousava numa janela que o tempo havia

---

<sup>28</sup> Salvou dona Hipólita Marques de ser sepultada viva ao escondê-la em sua casa ao conseguir escapar do senhor Fidel Pinheiro que certa noite decidiu que deveria sepultá-la viva no cemitério da Coxilha como o pagamento de uma promessa que havia feito. (Oliveira 2000).

consumido, em parte, restando só a soleira.”, no entanto, toda vez que alguém se aproximava dessa ave, ela desaparecia. As pessoas que sabiam dessa história e passavam pelo local, como os tropeiros, por exemplo, atiravam diversos tipos de arma na ave para poder provar sua coragem, e, caso a matassem poderiam se apoderar do tesouro que ela guardava.

A “Lenda do Tropeiro” é outro caso que circulou na região e se tornou lenda, no entanto, este é serpenteado por um fato real que aconteceu em meados da década de 1920. Oliveira (2000, p. 42) relata que um tropeiro apareceu em algum momento na casa de um dos filhos de Ubaldino de Oliveira Machado neste período e como “não se identificou e tinha maneiras suspeitas de agir, foi preso, atado numa árvore e interrogado sobre sua identificação e motivo de seu aparecimento na Fazenda.” Segundo o autor, não há registros de quem o interrogou, porém, as testemunhas do ato viram o tropeiro enforcado pela manhã e que pela tarde os peões da Fazenda em questão o levaram para enterrar em um mato nas redondezas onde havia uma cascata.

A lenda que surgiu desse fato, de acordo com Oliveira (2000, p. 42) é a de que os moradores da região viam “nas madrugadas enluaradas desce da coxilha próxima à casa, em direção ao lajeado, o tropel de um cavaleiro aboiando o gado e assobiando como se chamasse os cachorros para a lida de campo. Passa pela árvore onde foi enforcado o tropeiro e some na direção da cascata.”. No entanto, a lenda que mais chocou a região e deixou marcas, principalmente por conta do resultado da Revolução Federalista e da Revolução de 1923 é a lenda do “Grito do Quinzote”. A história começa com o pai do Quinzote (apelido geralmente dado a quem possuía o nome Joaquim), o Major Joaquim Marcelino Rodrigues, também conhecido como “Sinhô Marcelino”.

Segundo Oliveira (2000), o Major Joaquim Marcelino veio de Palmeiras das Missões com sua esposa Amélia Dutra dos Santos para sediar a área de 1.357.000 m<sup>2</sup> entre a Foz do Lajeado dos Engenhos e o Passo Reúno na costa à esquerda do Rio Turvo. O casal teve quatro filhos, o Tenente das Forças Legalistas de Palmeiras (1925) Adriano, Laudelino, João e Quinzote. Já no ano de 1893, durante a Revolução Federalista, o Major Joaquim Marcelino serve nas Forças de Firmino de Paula contra os maragatos da região.

Por ser um líder republicano, sempre foi identificado como tal, e segundo testemunho de João Maria Boava para Oliveira (2000, p. 71) o Major foi preso e espancado por um piquete de maragatos que, em determinado momento, “o derrubaram do cavalo, e, a coices, quebraram suas costelas e ele continuou afirmando ser republicano convicto e firminista.” No entanto não

se sabe exatamente o motivo de os maragatos o terem deixado vivo. A lenda do Grito do Quinzote se dá pelos fatos que aconteceram posteriormente.

No auge da Revolução de 1923 a movimentação política de ambos os lados da região estava extremamente ativa com os grupos recrutando pessoal para a causa, assaltando, e, principalmente, realizando vinganças tanto políticas quanto pessoais, deixando os moradores sobressaltados e deveras vigilantes e cautelosos. No entanto, de acordo com Oliveira (2000) Quinzote com a idade entre quinze e dezessete anos ficou em casa sozinho com sua mãe, enquanto seu pai Major Marcelino e seus irmãos iam em direção a Palmeiras para se encontrar com seus companheiros e aniquilar os maragatos do “clã” dos Cardoso. Já Carlos Cardoso saiu de seu acampamento com um piquete em busca de vingança a qualquer chimango que encontrasse, depois de descobrir que um rapaz maragato tinha sido morto covardemente pelos legalistas Tenente Turíbio dos Santos (Turibião) e Manoel Eusébio, entre os campos de Campo Novo e Rincão Reiúno, o que era totalmente comum para a época, pois segundo Pesavento (1989, p. 89-90) “a cada piquete aprisionado e degolado, o adversário vingava-se com uma atrocidade maior.”.

O infortúnio de Quinzote começa ao anoitecer de um certo dia, segundo Oliveira (2000) sua mãe já estava trancando as portas e janelas de sua casa no rancho para eles se recolherem na segurança de seu lar, quando a potranca dele escapa e dispara para a estrada em direção à Lagoa do Paiva. O menino larga tudo e corre desesperado para recuperar a égua sob os protestos da mãe, que preocupada com os piquetes na região não queria que ele saísse da propriedade.

Ao que Oliveira (2000) indica, Quinzote conseguiu alcançar a égua e montá-la mesmo sem a cela, porém, o piquete do Cardoso o encontrou também. Sob o pretexto de “procurar outros animais perdidos” eles o conduziram até a beira do Capão no Barranco da Restinga e começaram a interrogá-lo à moda antiga, ou seja, o torturando. O objetivo era descobrir onde o pai e os irmãos do Quinzote estavam alocados, porém, ou por não saber a localização de sua família ou por não querer entregá-los, ele nunca revelou as informações.

Quinzote teve pedaços de lã de pelego enfiados em sua boca para abafar seus gritos, teve seus dedos, seus pulsos e seus tornozelos decepados, também foi castrado e após horas de uma tortura agonizante ele foi cruelmente degolado e largado à morte dentro da barroca. Na manhã seguinte sua mãe saiu à sua procura indo de casa em casa na vizinhança, trazendo consigo cada vez mais vizinhos que queriam ajudar a achar o seu filho até chegarem no rancho, segundo testemunhas à Oliveira (2000), ou da parteira Hipólita Marques ou da dona Emília, e

uma delas teria ouvido os gritos de um homem à noite e indicou a direção do Barracão. O grupo se dirigiu até o local e não demorou muito até encontrarem os restos mortais de Quinzote espalhados pelo mato e seu corpo separado de sua cabeça.

Por muito tempo após a morte do Quinzote, por volta do horário de sua morte, segundo testemunhos ao autor Oliveira (2000), gritos de dor e desespero vinham do Barracão da Restinga, assustando a população dos arredores e os viajantes que passavam por ali, inclusive as pessoas tendiam a evitar pousar nessa região pois alegavam ser mal assombrada, o medo foi tanto que a estrada que passava perto do local foi fechada e aberta em um novo lugar. No entanto, após anos da “alma penada” do Quinzote assombrar a região<sup>29</sup>, a noite que Cardoso foi assassinado foi a última vez que os moradores ouviram o seu grito, os fazendo crer que ele finalmente teve sua vingança e pôde descansar.

O marco do local da tortura (Figura 7) e assassinato costumava ter uma placa explicando o acontecido e fazendo uma homenagem ao menino, no entanto ele foi vandalizado e a placa foi levada. Hoje a estrutura ainda está lá, porém quase tomada pela vegetação e mato, sem identificação para chegar nela a não ser na memória daqueles que ainda sabem/lembram o que aconteceu e aonde ela está.

Figura 7 - Marco de onde Quinzote foi achado esquartejado (Barracão da Restinga).



Fonte: Jornal Celeiro (2019).

---

<sup>29</sup> Essa história de “assombramento” do que aconteceu ao Quinzote foi contada em um episódio intitulado “O Grito do Quinzote”, de uma série de curta-metragem realizado pela RBS-TV chamado “Histórias Extraordinárias” em 2007.

A Revolução Federalista de 1893, graças às forças de Firmino de Paula e Silva<sup>30</sup> e de Ubaldino de Oliveira Machado, envolveu muitas famílias<sup>31</sup> desta região, o que resultou em inimizades ferrenhas e vinganças que repercutiram por muito tempo e que foram reforçadas com o eclodir da Revolução de 1923. No entanto, de acordo com Oliveira (2000), mesmo tendo lutado nas revoluções anteriores muitos homens decidiram por emigrar para a Argentina ou para o Uruguai ficando exilados por muito tempo, somente retornando para o Rio Grande do Sul após 1928-1930.

Os piquetes mais relevantes de Santo Augusto – RS foram, pelo lado maragato os do Cardoso, Miquelinos e Marianos, e pelo lado chimango os do Major Cância e dos Lifonsos, no entanto, segundo arquivos da prefeitura municipal (2020), Adriano Miquelino emigrou seu clã para a Argentina após pouco tempo de atuação na região, permanecendo lá durante a maior parte da revolução, já Carlos Cardoso, como era muito esquivo e exímio conhecedor das matas da região não emigrou e continuou fazendo escaramuças que acabaram por torná-lo muito temido, principalmente nas cidades onde hoje é a Região Celeiro – RS.

Uma forma recorrente de agir desses piquetes é que todos recrutavam pessoal para o seu lado, a questão é que a maioria das pessoas recrutadas não entravam nas forças por conta de seus ideais políticos, mas sim, por causa de suas amizades e proximidades com os líderes dos piquetes. Segundo arquivos da prefeitura municipal (2020) isso permitia que alguns comandantes, que se abrigavam atrás de seus partidos e agendas se aproveitassem da ingenuidade de algumas pessoas para incitar ódio e realizar saques e vinganças de acordo com seus interesses pessoais.

Um exemplo claro disso que temos desse período na região da cidade de Santo Augusto é o embate entre as famílias Barcelos e Mariano no ano de 1923, no qual, segundo Oliveira (2000), o piquete maragato de Chicuta Mariano saqueou a fazenda de Bento Barcelos que após o evento decidiu abandonar a sua propriedade até que o período revolucionário tivesse findado, pois como há de se esperar, nem todos os fazendeiros da região eram militares e/ou participavam dos piquetes revolucionários, e muitas vezes escolhiam se retirar de suas terras pela segurança de suas famílias, pois os ataques poderiam acontecer recorrentemente.

---

<sup>30</sup> Teve forte contribuição na Revolução de 1923, na qual mesmo com certa idade, foi incumbido por Borges de Medeiros a montar uma Brigada Governista (o que efetuou em 3 dias) e marchasse para a cidade de Passo Fundo – RS que estava ameaçada pelos revoltosos e segurasse posição até que os maragatos fossem derrotados, o que ele fez.

<sup>31</sup> Como é o caso dos “Lourenços” que participaram das lutas em 1893 – 1923 – 1925. (Oliveira 2000).

No entanto, mesmo dentro dos grupos políticos da região a situação nem sempre era harmoniosa, como é de se esperar em um período de revolução, temos o exemplo que Oliveira (2000) nos traz do fazendeiro Witor José de Vargas e seu filho Duca, que se juntaram aos maragatos de Carlos Cardoso em 1923, mas essa união não foi exatamente produtiva e/ou duradoura, pois de acordo com o autor, Cardoso acusou Vargas de estar fazendo “rebusque”, ou seja, trapaças em seu piquete, e este teve que fugir para o Paraná para nunca mais retornar, deixando seu filho Duca cuidando de seus interesses e suas terras na região.

Oliveira (2000) ao dissertar sobre a origem do Cemitério dos Degolados, descreve que não se sabe ao certo se era o ano de 1923 ou 1924, mas que da cidade de Santo Ângelo – RS uma certa manhã, o comandante Tarquino de Oliveira reuniu suas tropas para partir em direção a Campo Novo – RS com o intuito de reforçar as forças do Major Câncio. No entanto, no meio do caminho (entre Inhacorá – RS e a Fazenda Monte Alvão) os legalistas reforçados pelos homens do Major Joaquim Rolim de Moura, encontram forças federalistas que estavam recrutando para Leonel Rocha da cidade de Palmeira, e ao encontro os dois grupos acabaram entrando em combate, o qual resultou na morte do “Bugre Chindangue”. Os sobreviventes dos recrutadores de gado maragatos conseguiram fugir e foram de encontro ao seu líder João Carlos Cardoso que segundo Oliveira (2000) estava preparando suas forças para se juntar ao Leonel Rocha e então:

Carlos Cardoso afastou-se do acampamento que era próximo de onde está hoje a Polícia Rodoviária de Santo Augusto e, junto com João Dentista, João Rufino e outros, foi até o Bolicho do Biriva na localidade chamada Portão Velho, hoje Vila Pedro Paiva. Quando estavam lá avistaram soldados se aproximando e tomaram posição para combater. João Dentista, que tinha conhecimentos de tática de combate, propôs ao Cardoso não dar combate ali, mas que fossem até a Boca da Picada, adentrassem no mato e, se perseguidos, pusessem o inimigo entre dois fogos. Foi contestado pelo chefe que disse ser covardia abrigar-se: “homem briga de frente”. (p. 106)

Assim que os dois grupos tomaram consciência sobre o outro se posicionaram e abriram fogo cerrado, do conflito vários homens saíram feridos dos dois lados, porém somente da força maragata resultou morte. De acordo com Oliveira (2000, p. 107) seis pessoas pereceram, entre eles estavam o Tenente João Chalói (conhecido como João Dentista) e um rapaz negro entre quinze e dezesseis anos, já os feridos incluíam João Rufino e o próprio Carlos Cardoso que fugiram e procuraram abrigo num alambique próximo e foram medicados com “remédios de ervas e homeopatia feitos por Salvador Bastiana, que era vizinho e compadre do Carlos [...]” mesmo este sendo inimigo chimango tendo lutado com Firmino de Paula na Revolução de 1893, resolveu ajudar.

No entanto não foram apenas os corpos desfalecidos que foram deixados no local, Jovino Rolim foi gravemente ferido durante o combate e, portanto, incapacitado de caminhar ficou à mercê das forças de Tarquino de Oliveira, que após o término do confronto e a debandada dos inimigos federalistas degolou os seis homens que morreram e convocou seus homens para decidir o destino tanto de seus “prisioneiros”. Pois, junto de Jovino Rolim, de acordo com Oliveira (2000 p. 107) “preso e amarrado na sapata de uma das duas carroças dos militares estava um homem que fora preso na Estrada dos Baianos, entre o Passo da Laje e o da Luminata”, e, desse modo, Oliveira (2000) relata que os homens durante o “Conselho de Guerra” chegaram à decisão de:

[...] degolar o prisioneiro como já haviam degolados os que morreram no combate. Como Jovino havia sido reconhecido e era irmão do Tte. Froylan, este foi consultado sobre o que fazer com seu irmão.  
– É inimigo, tem o mesmo destino dos outros, disse Froylan.  
Assim sendo também foi degolado. (p. 107)

Dentro desse contexto podemos perceber o quão generalizada e costumeira se tornou a prática da degola de ambos os lados das ideologias políticas desde a Revolução Federalista e o quanto ela seguiu sendo “popular” até a Revolução de 1923, inclusive pelo fato da soldadesca não precisar de recursos extras além de um facão ou faca bem afiados, enquanto, segundo Pesavento (1989, p. 89) explana, matavam as vítimas “tal como se procedia com os carneiros: o indivíduo era coagido a, de mãos atadas nas costas, ajoelhar-se. Seu executor, puxando sua cabeça para trás, pelos cabelos, rasgava sua garganta, de orelha à orelha, seccionando as carótidas, com um rápido golpe de faca.”.

Depois do combate a força legalista de Tarquino de Oliveira seguiu para Campo Novo – RS para cumprir sua missão de reforço, deixando os oito corpos de maragatos decompondo ao ar livre sem qualquer tipo de sepultamento. A tarde os cadáveres deitados em poças de sangue com moscas cobrindo-os de larvas já cheiravam mal e segundo Oliveira (2000) Tio Castro<sup>32</sup> tomou a iniciativa de sepultar esses corpos aproveitando uma vala de carreiro que havia passado recentemente e com a ajuda de mulheres e crianças da região, pois os homens ou estavam lutando na revolução ou fugindo dela, alargaram as valas e arrastaram os homens até

---

<sup>32</sup> Benedito de Castro era um ex-escravo (alforriado) mais conhecido na região como “Tio Castro”, se incumbiu de ensinar a ler, escrever e executar as quatro operações matemáticas para os filhos das famílias que o contratavam antes mesmo de haver escolas públicas. Deveras querido na região, durante a Revolução de 1923 foi contratado para assumir a administração da casa comercial de Pedro Paiva Machado na “[...] expectativa de que não sofreria saques ou roubos, porque ‘Tio Pequeno’ era benquisto no lugar e, qualquer que fosse o piquete existente nesta região, tinha algum integrante que aprendeu a ler com ele. [...]”, o que realmente funcionou. (OLIVEIRA 2000, p. 85).

elas para poder enterrá-los. Sem caixão, sem túmulos, sem velório e sem nenhum outro rito que não fosse o “Terço das Incelências ou Excelências” que foi rezado pelo Tio Castro e acompanhado por aqueles que ajudaram no sepultamento. O cemitério também foi considerado assombrado por muito tempo pelos moradores da região.

Sobre as pessoas que foram enterradas neste cemitério no dia de sua origem, somente sabemos a identidade do senhor João Chalói e do senhor Jovino Rolim e mesmo assim não foi possível diante de pesquisas descobrir mais sobre quem eles eram. Os nomes, a identidade dos outros seis homens sob o lenço maragato não são conhecidas até hoje, não há documentação nem indícios de que eram naturais da região, e como não houve um sepultamento “oficial” e ninguém reclamou os seus corpos, eles mantêm sua anonimidade através das décadas até o presente.

Dentre as personalidades da localidade de Pedro Paiva que foram sepultadas no Cemitério dos Degolados após os anos de 1923 e 1924, estão os três irmãos, Manoel, José e Antônio Cavalheiro dos Santos (figura 8), Wilso Nito da Silva (figura 9), Angelina Merenciana dos Santos (figura 10) e outro indivíduo em um túmulo que não possui mais sua inscrição (figura 11). No entanto, mantemos em perspectiva de que esses sujeitos inumados no Cemitério dos Degolados após a revolução de 1923 nada têm a ver com os acontecimentos dela, pois como não houve uma preservação do sítio apropriada e temos indícios de que a localidade humilde na qual os moradores da região que, provavelmente, não possuíam condição de sepultar seus parentes em outros cemitérios simplesmente aproveitaram o espaço e o inseriram no seu cotidiano através do sepultamento de seus entes queridos.

Figura 8 - Túmulo dos irmãos Manoel, José e Antônio Cavalheiro dos Santos.



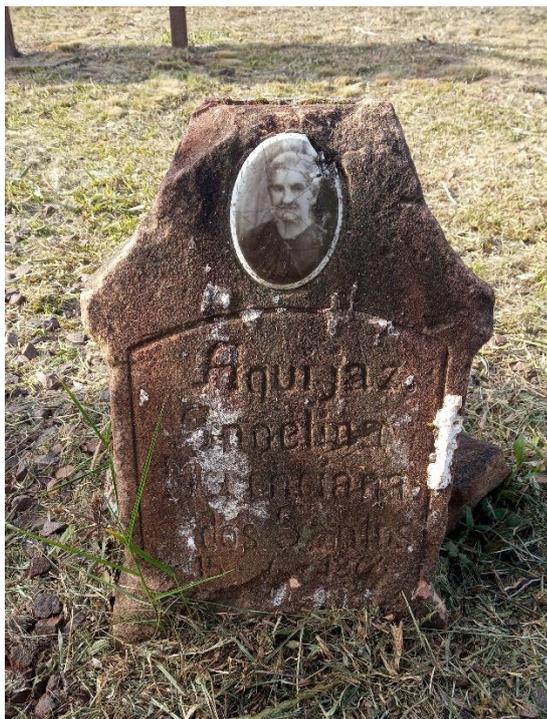
Fonte: Hector frankutra.

Figura 9 – Túmulo de Wilso Nito da Silva.



Fonte: Hector Frankutra.

Figura 10 - Túmulo de Angelina Merenciana dos Santos.



Fonte: Arquivo Pessoal (2020).

Figura 11 - Túmulo sem inscrição.



Fonte: Arquivo Pessoal (2020).

Sobre a questão de arquitetura e simbologia tumular presentes no Cemitério dos Degolados, ele não se caracteriza como os outros da região, pois ele não possui túmulos elaborados, inscrições memoriais de entes queridos e homenagens, também não há jazigos com marmoraria ou alguma tentativa de imposição social a partir dos sepultamentos, não há indícios de quase nada que nos deixe claro as identidades e/ou memórias daqueles que ali “descansam”, características que, de acordo com Souza (2014, p. 28):

[...] não se pode negar, estão evidentes nas arquiteturas tumulares: a representação da memória e a identidade daquele que jaz no espaço reservado, pelos vivos, aos mortos. O referencial de memória se manifesta pela possibilidade de se abstrair uma proximidade com o sepultado, justamente pelos indícios identitários que permitem tanto a entes queridos quanto a um estranho, a reflexão sobre aquele ex-vivo específico, impedindo uma relação ou uma interpretação única a cerca de todos os indivíduos depositados em um espaço em comum, o cemitério. Em cada tumulo estão contidas uma memória e uma identidade únicas, embora construídas coletivamente.

No caso específico deste cemitério, o dos Degolados, ele não foi planejado, ele não foi “floreado” e imaginado como um local de descanso para os entes queridos daquela sociedade, ele simplesmente “nasceu” de uma batalha brutal e sangrenta, ele não é uma simples morada dos mortos, o valor cultural e histórico dele é imenso. Lino e Padilha (2021, p. 252) ressaltam que “mesmo que as necrópoles que são desprovidas de ornamentos ou adereços religiosos, também possuem um valor simbólico naquele espaço, de acordo com sua configuração temporal e social.”

Mesmo havendo outras sepulturas ou sepultados no local, além das dos acontecimentos históricos, o cemitério, principalmente até o ano de 1980, estava em péssimas condições tanto de infraestrutura quanto de manutenção. Reconhecendo a importância histórica cultural social desse local, os patronos do Centro Tradicionalista Gaúcho (CTG) Pompílio Silva e do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) da cidade de Santo Augusto, por volta do ano de 1980, recorreram ao, então, prefeito municipal Alecrides Sant’Anna de Moraes para que o cemitério fosse preservado como sítio histórico do município, justamente para que toda a memória desse importante evento não fosse perdida.

A partir de então, algumas medidas foram tomadas para que o local se tornasse um Marco Histórico (STEINER, 2014). No ano de 1989, o Cemitério foi definido como Marco Histórico com a criação da Lei nº 844 de 25 de maio de 1989, a qual cita que:

[...] Art. 1º São Marcos Históricos do Município de Santo Augusto (RS):  
I - O Cemitério dos Degolados;  
II - O Grito do Quinzote;  
III - A Sepultura do Primeiro Professor de Santo Augusto;  
IV - A Usina da Fazenda da Cascata.

Art. 2º O Poder Executivo Municipal regulamentará esta Lei no prazo de (90) noventa dias, no que diz respeito a manutenção, colocação de placas comemorativas ou construção de monumentos nos locais previstos no artigo 1º.

Art. 3º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

No ano de 1999, o então Secretário da SICOMTUR Odilon Gomes de Oliveira, solicitou ao prefeito municipal de Santo Augusto Naldo Wiegert (administração 1997–2000), que fosse realizado um projeto de cercamento do perímetro do Cemitério dos Degolados, adequamento e também estacionamento para que eventualmente ele pudesse se tornar uma atração turística e houvesse a prevenção de vandalismos tanto para com a propriedade quanto para com os corpos dos falecidos do local (Anexo 2).

Angelina Merenciana dos Santos é uma das pessoas que foram sepultadas no Cemitério dos Degolados após os eventos de 1923/1924, com um túmulo simples marcado em pedra ela teve sua sepultura profanada e violada no ano de 2000, quem descobriu o fato foi o professor e pesquisador Odilon Gomes de Oliveira na tarde do dia 13 de junho, encontrando ao chegar lá, os ossos e fragmentos expostos e espalhados pelo terreno, como podemos observar abaixo (figura 12).

Figura 12 - Profanação da sepultura de Angelina Merenciana dos Santos.



Fonte: Arquivo Prefeitura Santo Augusto – RS.

No boletim de ocorrência (Anexo 3), feito pelo senhor Odilon Gomes de Oliveira, é destacado que, em sua opinião, aparentemente o objetivo dos criminosos seria encontrar objetos

valiosos, já que em algumas culturas/sociedades há a prática de enterrar os entes queridos com joias e/ou adornos valiosos, no entanto, aparentemente somente este túmulo foi violado e não há a confirmação de que algo, de fato, tenha sido levado. Porém, esse não foi o único cemitério da região que teve seus túmulos violados, no Cemitério dos Paivas, onde se encontra inumado Ubaldino de Oliveira Machado, seu túmulo também foi profanado, segundo Oliveira (2000) mais de uma vez, inclusive, pois havia rumores na região de que o coronel se encontrava sepultado com sua espada que possuía cabo de ouro e prata.

Após esse incidente há um período sem atualizações sobre o sítio até ser aprovada no ano de 2007, pelo prefeito Carlos Leodony Andrighetto (administração 2005-2008), a Lei Municipal nº 1921 de 08 de maio de 2007, que estabelece, entre outros, os Marcos Históricos do Cemitério dos Degolados, assim como o do “Grito do Quinzote” (local onde o adolescente foi degolado e torturado), como Pontos Turísticos do município de Santo Augusto, reiterando que:

Art. 1º Fica estabelecido como Pontos Turísticos do Município de Santo Augusto:

I - Praça Pompílio Silva;

II - Centro de Cultura Benedito de Castro, incluído o Museu Municipal, Biblioteca Municipal e a Sala de Som Arnaldo Macagnan;

III - Centro Administrativo Municipal;

IV - Centro de Tradições Gaúchas Pompílio Silva;

V - Monumento à Santa Rita;

VI - Centro de Tradições Gaúchas Carreiros dos Pampas;

VII - Fonte Nossa Senhora do Bom Parto (Santinha);

VIII - Cascata do Rio Turvo; IX - Sítio Lazer Stival;

X - Sítio de Lazer Rotili;

XI - Cemitério dos Degolados;

XII - Estância dos Rodeios Nerci Liberato da Conceição;

XIII - Marco onde foi degolado o "Quinzote";

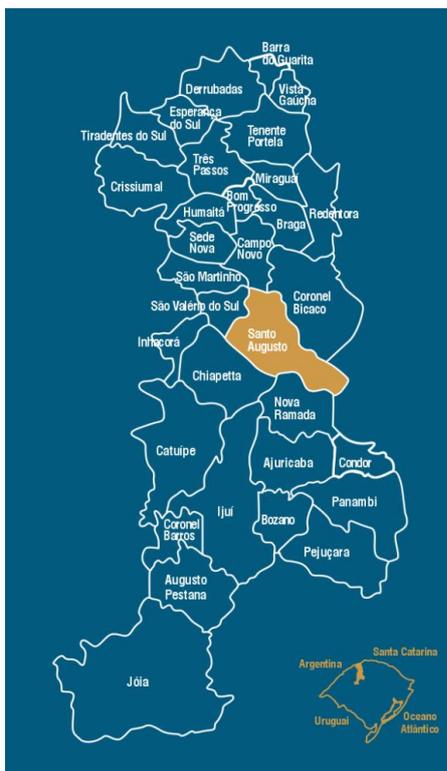
XIV - Sepultura do Professor Benedito de Castro.

Art. 2º O Poder Executivo, através da Secretaria Municipal da Indústria e Comércio, promoverá a ampla divulgação dos Pontos Turísticos estabelecidos nesta Lei.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Também no ano de 2007, a Rota do Yucumã sofreu uma mudança drástica, antes implementado em um recorte territorial que em fazia parte da Região Missões, se desmembrou e formou uma nova região a: “Região Turística da Rota do Yucumã” (Figura 13), a cidade de Santo Augusto – RS já estava incluída anteriormente por conta do Cemitério dos Degolados (CONSÓRSIO ROTA DO YUCUMÃ, 2022). Esse consórcio público tem como pretensão o desenvolvimento turístico da região, pois de acordo com o órgão, busca dedicar-se a promover o crescimento de todas as cidades envolvidas no projeto, fomentando o turismo rural, a gastronomia, a natureza e os povos originários (CONSÓRSIO ROTA DO YUCUMÃ, 2022).

Figura 13 - Região Turística da Rota do Yucumã.



Fonte: Site Rota do Yucumã.

Fazer parte da Região Turística da Rota do Yucumã é de incrível valia para o fomento da história local que ficou “desassistida” por tanto tempo. Mesmo tendo analisado anteriormente o aumento do que Gonçalves (2007) chama de “mercado de bens inalienáveis” com o turismo desses sítios de patrimônios históricos e seus perigos para a preservação desses bens, no caso do Cemitério dos Degolados podemos perceber que o fato dele ser um ponto turístico nos traz se não a certeza de que continuará sendo preservado, mas ao menos o fato de que está aberto para as pessoas conhecerem a sua história e importância regional.

### 3.2 REVITALIZAÇÃO DO MARCO HISTÓRICO

O Cemitério dos Degolados esteve “abandonado” pela administração de Santo Augusto – RS por muito tempo, desde a década de 1920 até a década de 1970 não houve manutenção ou algum tipo de atenção especial ou projeto de preservação patrimonial histórica nem por parte dos políticos nem dos munícipes locais. Finalmente na Semana Farroupilha de 1980 temos a primeira tentativa de conservação, preservação e fomento à história do local, principalmente

por parte da administração dos CTG e MTG locais, como supracitado anteriormente. Antes da tentativa mais recente de preservação e revitalização do cemitério ele estava sem cuidados, como podemos observar abaixo (Figura 14), e em determinados momentos quando as plantações ao redor estavam muito altas ele se tornava quase “invisível” da estrada.

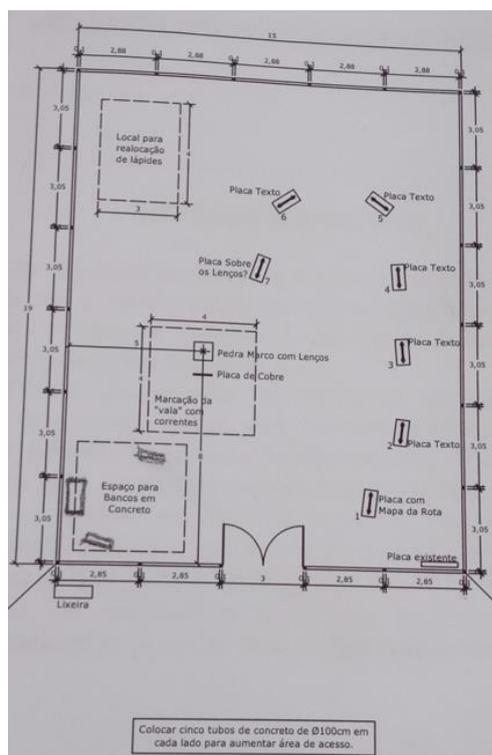
Figura 14 - Cemitério dos Degolados antes da Revitalização.



Fonte: Jornal O Celeiro 2014.

Segundo o memorando interno (Anexo 4) de janeiro de 2014 ao então secretário da SESUPLAN Faustino Kovalski de Santo Augusto, a antiga secretária da SICOMTUR Emília Teixeira Göttert explana que os planos do projeto de revitalização do ponto turístico do Cemitério dos Degolados foram iniciados no ano de 2013 em conjunto com a engenheira civil Joana Parnoff Bellé. O projeto em questão (Figura 15) é composto pela Planta Arquitetônica com todos os detalhes construtivos, Orçamento, Cronograma Físico e Memorial Descritivo, contando com a possibilidade de qualquer revisão e alteração que alguns dos profissionais responsáveis pensam ser cabíveis.

Figura 15 – Projeto de Revitalização do Cemitério dos Degolados.



Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Santo Augusto.

Mediante ao item supracitado, foi feita uma implementação de detalhes aos serviços solicitados pelo município ao provedor da licitação, elucidando no memorial descritivo do projeto de reforma (Anexo 5) o que será necessário para a execução do projeto de restauração do ponto turístico, neste caso, o atendimento dos seguintes itens: Serviços Iniciais, Mureta e Cerca, Serviços, Pórtico de Acesso, Pavimentação, Canalização, Ajardinamento e Limpeza Final de Obra.

A integração entre a SESUPLAN e a SIMCOMTUR em relação ao projeto de restauração, efetuou-se a partir de outubro de 2014, ao compartilhar os interesses para o enriquecimento cultural e melhoria do local, onde foi encaminhado um memorando interno (Anexo 6) para demonstrar a apreciação a respeito da restauração, e que a partir desse contato, foi possível estabelecer e dar continuidade ao prosseguimento do projeto mediante as considerações postas e contribuições que possam a vir ser feitas.

Dias após o memorando, a SICOMTUR solicitou a SEMMU (colocar sigla lá em cima) a solicitação de licença ambiental (Anexo 7) para dar início ao projeto de revitalização do local, tal solicitação foi atendida de forma ágil com o aval (Anexo 8) para início das atividades, porém

ressaltando pontos importantes para essa concepção, que de modo geral, servirá para que não haja algum detrimento a natureza.

A revitalização do Cemitério dos Degolados pôde ser iniciada em dezembro de 2014 (Anexo 9), com a Construtora Diemer & Nascimento LTDA. como a contratada/vencedora da licitação feita pelo município, do qual não houveram mais atualizações. Tendo como próximo documento (Anexo 10) uma solicitação de limpeza do local feita pela SICOMTUR a Secretaria Municipal de Meio Ambiente.

No dia 29 de janeiro de 2015 pela manhã, enfim, realizam-se ambas as Inaugurações do Memorial dos Degolados e também da Revitalização do Cemitério dos Degolados. Já sendo um ponto turístico e histórico, houve uma cerimônia oficial em que participaram diversas personalidades políticas e influentes para celebrar este momento. Podemos perceber, vendo a imagem do resultado final do projeto (Figura 16) que tudo o que foi proposto pela administração, os engenheiros, arquitetos e secretários foi executado, e o produto final da obra deu muito mais visibilidade para o sítio.

Figura 16 - Cemitério dos Degolados após a Revitalização.



Fonte: Arquivo pessoal (2020).

É importante ressaltar que a revitalização deste marco histórico não foi realizada para fomentar a violência dos fatos, mas sim para o registro desses fatos, para homenagear aqueles que perderam suas vidas de forma tão abrupta e cruel, e principalmente, para que essa história nunca seja esquecida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a relevância dos estudos cemiteriais, o presente trabalho buscou reunir informações existentes sobre o Cemitério dos Degolados, presente na cidade de Santo Augusto – RS, desse modo, foi possível contribuir para o conhecimento histórico-cultural. A História regional de Santo Augusto – RS é extremamente rica e tem muito a ser explorada, foi palco de vários conflitos, inclusive a Revolução Federalista, e, no entanto, as questões que envolvem essa cidade e o fato ainda carecem de pesquisas acadêmicas.

A Revolução de 1923, até então, foi o último conflito desse porte a que abrangeu significativamente o Rio Grande do Sul. Que afetou não somente uma classe ou estamento social mais alto ou militar, mas as pessoas civis e comuns. É interessante perceber como isso transparece nessas lápides e sua importância *post-mortem* desses indivíduos que participaram desse conflito.

A partir das análises feitas durante os capítulos, podemos observar que guerras ou revoluções não permanecem congeladas no seu tempo de duração, elas envolvem indivíduos que fazem de seus nomes história, famílias, regiões e não há como prever totalmente as suas consequências através do tempo. A revolução federalista trouxe em seu enalço uma divisão política enfática na região de Santo Augusto, por ter dividido famílias e vizinhos/amigos em prol de suas ideologias políticas principalmente pelo fato de dois grandes personagens envolvidos nela, Firmino de Paula e Silva e Ubaldino Machado, possuírem moradia ali.

Pudemos analisar durante o trabalho que os laços de sangue nem sempre são mais fortes do que as ideologias políticas desses sujeitos, observamos irmãos matando irmãos, sobrinhos atacando e ameaçando tios e primas e uma corrente de desconfiança e alerta se estendendo por todos. Os eventos que sucederam a Revolta Federalista deixaram marcas na região que muito dificilmente podem ser esquecidas e/ou perdoadas por seus habitantes, e no momento em que a Revolta de 1923 eclode esses homens pegam em armas de novo com a chance de vingar suas histórias e também de criar novas.

O Cemitério dos Degolados de 1923 não se originou de uma batalha pensada e estrategicamente elaborada pelos líderes da revolução. Dentro de cada ideologia política (maragatos e chimangos) e de cada tropa dos “líderes” da revolução haviam piquetes de homens que tentavam (ou não) administrar o domínio de uma pequena vila ou região, e não há como saber a extensão de sua liberdade para tomar decisões, mas como temos documentação de que

alguns desses chefes de piquetes menores usavam de sua influência para realizar saques, vinganças pessoais e violência em geral, podemos pensar que não havia um controle esquematizado sobre eles.

Talvez, se o chefe de piquete Cardoso não tivesse decidido batalhar contra os homens do Tarquino de Oliveira, ou se os legalistas não tivessem deixado os corpos dos homens degolados ao ar livre se decompondo não existiria o Cemitério dos Degolados como o conhecemos hoje, e nem as histórias de assombração que os nativos da região contam ainda hoje. Em todo o caso, ele existe e nos mostra que mesmo na Revolução de 1923, com os homens mais armados e não sendo conhecida por ter o caráter de degola, mesmo assim a prática ainda era/foi utilizada.

Neste estudo, foi extremamente importante estabelecer uma conexão entre as informações existentes com base no levantamento e análise bibliográfica, sendo, desse modo, importante ressaltar quantos imbricamentos podem ser feitos a partir de um cemitério, cujo local representa uma parte da vida. Esse estudo trabalha com fontes de uma nova exploração por parte dos historiadores. Logo, elas não foram esgotadas, o que reafirma a necessidade de novas pesquisas e se levantar problemas com distintos conjuntos documentais...

Portanto, a presença do cemitério demonstra a quão preciosa é a história da cidade de santo augusto e como ela enriquece o nosso conhecimento do estado do Rio Grande do Sul e quanto ainda pode ser pesquisada no futuro com o objetivo de preservar essa rica história presente no nosso território. Pois os mortos não falam, mas seus rastros e restos mortais estarão sempre presente na memória dos vivos que ficaram.

## REFERÊNCIAS

- A CABEÇA de Gumercindo Saraiva. Tabajara Ruas. Brasil: 2018.
- ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. São Paulo, Unesp, 2014. Volume único.
- AZAMBUJA, D. Correntes Políticas. *In*: KREMER, A. C. et al. **Rio Grande do Sul: Terra e Povo**. 2 ed. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 339-346.
- BELLOMO, H. R. (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A estatuária funerária em Porto Alegre (1900-1950)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
- BERTO, J. P. **Liturgias Da Boa Morte E Do Bem Morrer: Práticas E Representações Fúnebres Na Campinas Oitocentista (1760-1880)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2014.
- BRASIL. **Decreto Nº. 72.312, de 31 de maio de 1973**. Promulga a Convenção sobre as Medidas a serem Adotadas para Proibir e impedir a Importação, Exportação e Transportação e Transferência de Propriedade Ilícitas dos Bens Culturais. Brasília, DF: Presidente da República, Disponível em: < [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1970-1979/d72312.html](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/d72312.html) > Acesso em: 18 mar 2023.
- CAINO, T. C. A.; ROEDEL, L. A. Cidade, Cemitérios e Memória: Os Casos de Cruz Alta, RS e Belo Horizonte, MG. *In*: ENCONTRO NACIONAL ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS. RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES: PRÁTICAS, VISÕES E CRENÇAS DIANTE DA MORTE E DO MORRER, 8., 2017, Florianópolis, **Anais [...]**. Florianópolis: UDESC, 2017.
- CESAR, G. As Raízes Históricas. *In*: KREMER, A. C. et al. **Rio Grande do Sul: Terra e Povo**. 2 ed. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 29-41.
- CÓLERA. Disponível em: < <https://www.saude.go.gov.br/biblioteca/7548-c%C3%B3lera> > Acesso em: 01 jun. 2023.
- CONSÓRSIO ROTA DO YUCUMÃ. Disponível em: < <https://www.rotadoyucuma.com.br> >. Acesso em: 24 abr. 2023.
- COMUNALE, V. A utilização das imagens sagradas e profanas dentro dos cemitérios. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal, **Anais [...]**. Natal: UFRN, 2013.

- COSTA, M. C. L. Os cemitérios e a espacialização da morte. *In*: ALMEIDA, M. G.; RATTS, A. J. P. (ORGS.) **Geografia: Leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.
- DALLANORA, C. **Conflitos no Ex-Contestado: Coronelismo e Bandoleirismo e Bandoleirismo Numa Região de Fronteira**. 2019. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- DILLMANN, M. **Morte e práticas fúnebres na secularizada República: a Irmandade e o Cemitério de São Miguel e Almas de Porto Alegre na primeira metade do século XX**. 2013. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.
- DOURADO, A. **Voluntários do Martírio: Narrativa da Revolução de 1893**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1979.
- REFORÇO na Ancestralidade. **Jornal O Celeiro**, Santo Augusto, p. 02. 19 dez. 2014.
- FERREIRA, M. L. M. Patrimônio: Discutindo Alguns Conceitos. **Diálogos**, v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006.
- FLECK, E. C. D.; DILLMANN, M. Os sete pecados capitais e os processos de culpabilização em manuais de devoção do século XVIII. **Topoi**, v. 14, n. 27, jul-dez 2013.
- FÖETSCH, A. A.; OLIVEIRA, C. D. M. Geografia Simbólica Dos Cemitérios Em Perspectivas. **London Journal of Research in Humanities and Social Sciences**. v. 20. n. 3, 2020.
- FONSECA, R.; COSTA, E. B. da.; SCHMITT, C. (org.). **História Ilustrada do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Já Editores, 1998.
- GONÇALVES, J. R. S. Os Limites do Patrimônio. *In*: LIMA FILHO, M. F.; ECKERT, C.; BELTRÃO, J. F. (org.). **Antropologia E Patrimônio Cultural: Diálogos E Desafios Contemporâneos**. Originalmente publicado em Estudos Históricos, v. 1, n. 2, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 239-248, 2007.
- GONÇALVES, J. R. S. O Patrimônio Como Categoria De Pensamento. *In*: ABREU, R.; CHAGAS, M. (org.) **Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina. p. 25-33, 2003.
- \_\_\_\_\_. Ressonância, Materialidade E Subjetividade: As Culturas Como Patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

- GRASSI, C. Estudos Cemiteriais. *In*: GRIECO, B.; TEIXEIRA, L.; THOMPSON, A. (org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016.
- HALBWACHS, M. **A memória Coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990. 189 p. Título Original: La Mémoire Collective. ISBN: 85-7115-038-9.
- HECTORFRANK UTRA. Disponível em: < <https://tripifyapp.com/venue/santo-augusto-brazil/cemiterio-dos-degolados/448bad29-a9ef-4da1-9009-64e7d7e5dfd9> >. Acesso em: 20 out. 2022
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/santoaugusto.pdf> >. Acesso em: 20 nov. 2019.
- KOCH, S. **Rio Grande do Sul: Espaço e Tempo – A Geografia e a História do nosso estado**. São Paulo: Ática, 2004.
- LEMOS, C. A. C. **O que é Patrimônio Histórico**. Editora Brasiliense. 1981.
- LINO, J. T. Heranças materiais de uma guerra: os cemitérios do Contestado, Sul do Brasil. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 19, n. 28, p. 13-30, dez. 2012.
- MOCELLIN, R. **Federalista: a revolta da degola**. Editora do Brasil. São Paulo. 1 ed. 1989.
- MORAES, F. D.; CUNHA, L. F. (org.). RIO GRANDE DO SUL. **Genealogia dos municípios do Rio Grande do Sul: 1809 – 2018**. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Porto Alegre. 2018.
- MOREIRA, R. L. **Revolução Gaúcha de 1923**. Disponível em: < <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLU%C3%87%C3%83O%20GA%C3%9ACHA%20DE%201923.pdf> > Acesso em: 21 mai 2023.
- MOTTA, A. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, nº. 71, p. 73-93, out. 2009.
- MUMFORD, L. **A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. Tradução: Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Título original: The city in history – It's Origins, It's Transformations and It's Prospect. ISBN: 85.336-0847-0.
- NASCIMENTO, F. L.; VILELA, P. F.; CARDOSO, M. D.; FALCÃO, M. D. Educação não formal: cemitério como espaço público para o ensino da Geografia. **Geografia Ensino e Pesquisa**, Santa Maria, v. 24, p. 1-31, 2020.

NEUMANN, E. S. A Fronteira Tripartida. *In*: GRIJÓ, L. A. (org.). **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2004.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUCSP, dez. 1993.

OLIVEIRA, J. M. X. Morfologia da cidade: o cemitério como uma questão simbólica e espacial. **EFDeportes**, Buenos Aires, n. 198, nov 2014.

OLIVEIRA, L. Da Igreja ao Campo Santo: O Nascimento dos Cemitérios e o Monopólio da Morte no Brasil do Século XIX. *In*: ANAIS DO ENCONTRO INTERNACIONAL, 1.; ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: HISTÓRIA E PARCERIAS, 18., 2018, Rio de Janeiro, **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense Niterói, 2018.

OLIVEIRA, O. G. **Santo Augusto: 1815/20 até 1940**. Porto Alegre: Editora Evangraf. 1 ed. 2000.

ORNELLAS, M. As Origens Remotas do Gaúcho. *In*: KREMER, A. C. et al. **Rio Grande do Sul: Terra e Povo**. 2 ed. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 43-50.

PADOIN, M. M. O Espaço Fronteiriço Platino, O Federalismo e A Revolução Farroupilha (1835-1845). *In*: PRIMEIRAS JORNADAS DE HISTÓRIA REGIONAL COMPARADA, 2000, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre. p. 1-12. 2000. Disponível em: <<https://cdn.fee.tche.br/jornadas/1/s2a12.pdf>> Acesso em: 18 mai 2023.

PEREIRA, M. S. **Memória e Patrimônio: Os símbolos esquecidos no cemitério municipal de Soledade (1871 – 1935)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2009.

PESAVENTO, S, J. **A Revolta Federalista**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1983.

PESAVENTO, S, J. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto. 1981.

PICCOLO, H. I. L. Fontes para o estudo da Revolução Federalista de 1893. *In*.: SEMINÁRIO FONTES PARA A REVOLUÇÃO DE 1893, 1990, Bagé, **Anais [...]**. Bagé: URCAMP Editora, 1990, p. 40-50.

PIOVEZAN, A. Cemitérios e Mausoléus Militares No Brasil: O Embate Entre o Laico e o Confessional. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2011.

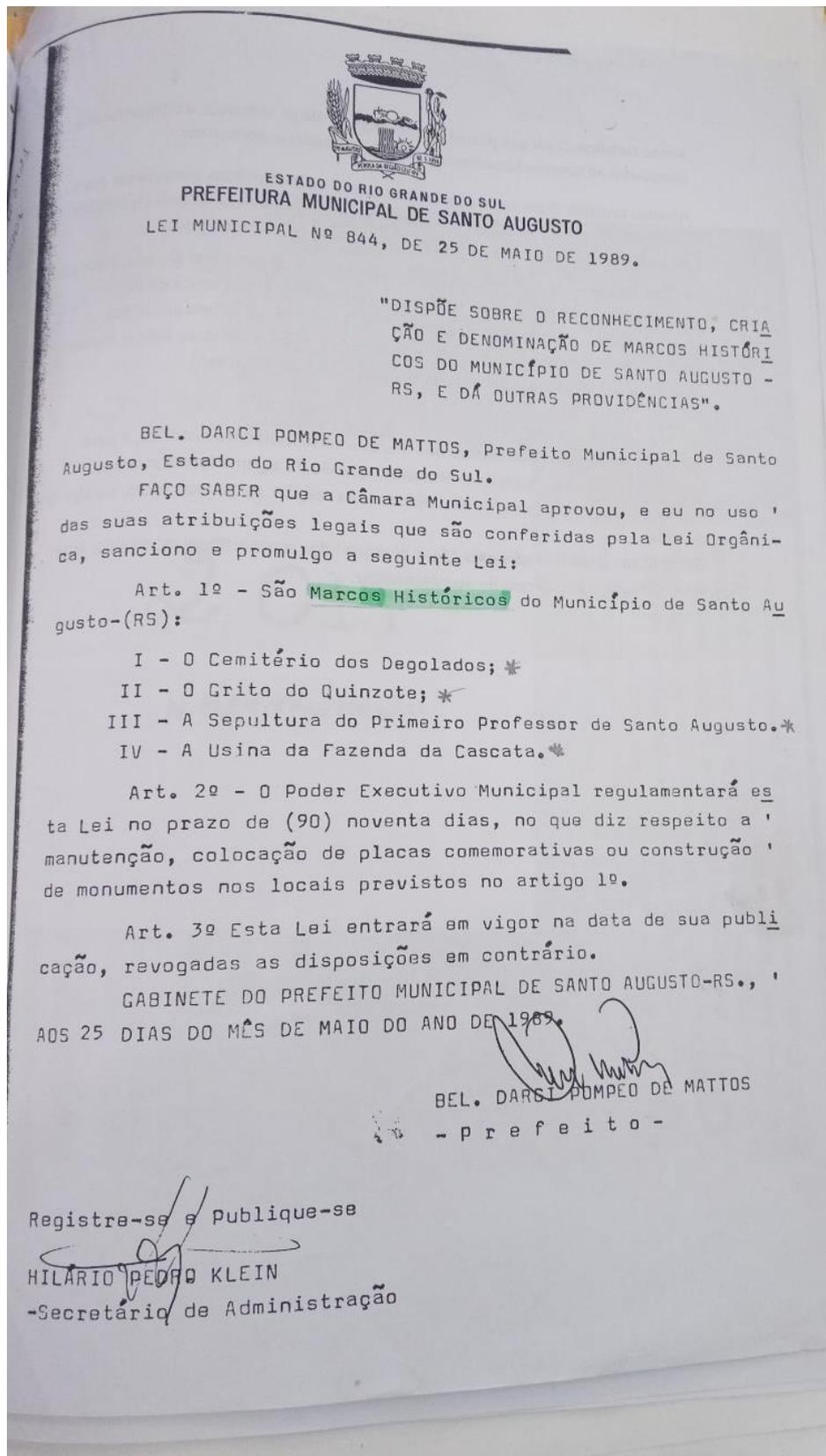
RAPHAEL LORENZETO DE ABREU. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/SantoAugusto#/media/Ficheiro:RioGrandedoSul\\_Municip\\_SantoAugusto.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/SantoAugusto#/media/Ficheiro:RioGrandedoSul_Municip_SantoAugusto.svg)>. Acesso em: 18 jun. 2023.

- REZENDE, E. C. M. **Cemitérios**. São Paulo: Necrópolis, 2007.
- ROCHA, T. S. F. Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF. *In: ENCONTRO REGIONAL ANPUH-MG*, 18., 2012, Mariana. **Anais [...]**. Mariana, 2012.
- ROTA DO YUCUMÃ. Disponível em: < <https://www.rotadoyucuma.com.br/municipios/santo-augusto/> >. Acesso em: 30 jun. 2022.
- SANTO AUGUSTO (RS). **Lei nº 844/1989**. Dispõe Sobre o Reconhecimento, Criação e Denominação de Marcos Históricos do Município de Santo Augusto RS, e dá Outras Providências. Santo Augusto, RS, 1989.
- SANTO AUGUSTO (RS). **Lei nº 1921/2007**. Estabelece Pontos Turísticos do Município de Santo Augusto e dá Outras Providências. Santo Augusto, RS, 2007. Disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/a/rs/s/santo-augusto/lei-ordinaria/2007/193/1921/lei-ordinaria-n-1921-2007-estabelece-pontos-turisticos-do-municipio-de-santo-augusto-e-da-outras-providencias?q=cemit%C3%A9rio> >. Acesso em: 22 mar. 2022.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnicas, Razão e Emoção**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.
- SOUZA, A. M. L. **O cemitério da Soledade e o consumo do patrimônio cultural**. Monografia (Curso de Museologia) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- SOUZA, R. J. Paisagem e Lugar: Alicerces de uma outra política. **Revista Geografar**, Curitiba v.13, n.2, p.380-393, jul./dez. 2018.
- SPRINGER, K. S.; PÉREZ, M. S.; JORGE, C. **Cemitérios: Desvendando os Espaços da Morte e Seus Signos**. São Francisco, set. 2005.
- STEINER, L. Cemitério dos Degolados em Processo de Revitalização. **Jornal O Celeiro**, Santo Augusto, ano 45, n. 2345, p. 6, 12 dez. 2014. Disponível em: < [https://issuu.com/oceleirosantoaugusto/docs/binder1\\_3383d1c5b9ddd7](https://issuu.com/oceleirosantoaugusto/docs/binder1_3383d1c5b9ddd7) >. Acesso em: 28 nov. 2022.
- STEINER, L.; OLIVEIRA, O. G. O Histórico Quadrante Norte. **Jornal O Celeiro**, Santo Augusto, 30 maio 2019, p. 03.
- VELLINHO, M. A Formação Histórica do Gaúcho. *In: KREMER, A. C. et al. Rio Grande do Sul: Terra e Povo*. 2 ed. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 51-63.
- VILLA-LOBOS, R. **A Revolução Federalista no Rio Grande do Sul: (documentos e comentários)**. Rio de Janeiro: Laemmert & ca. 1897.



## ANEXOS

Anexo 1 – Lei Municipal nº 844 de 24 de maio de 1989 de Santo Augusto



Anexo 2 – Memorando Interno Solicitação de Cercamento do Cemitério dos Degolados

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO AUGUSTO  
"MUNICÍPIO PÉROLA DA REGIÃO CELEIRO"

**MEMORANDO INTERNO**

Santo Augusto, 21 de setembro de 1999.

**DE:** SICOMTUR

**PARA:** Sr. Prefeito Municipal

**ASSUNTO:** Criar Rubrica para Cemitério dos Degolados

Sr. Prefeito,

Diante da possibilidade de suprir, com rubrica da própria SICOMTUR, solicito seja criada uma rubrica específica para a execução do projeto de cercamento, estacionamento e adequação do Cemitério dos Degolados, como ponto de visitação turística.

O Secretário da Fazenda tem conhecimento do assunto e deu esta sugestão como alternativa para o caso.

Atenciosamente,

*Odilon*  
Odilon Gomes de Oliveira  
Secretário da Ind.Com. e Turismo.

Recebido em 22 / 09 / 99

*Dabrina*  
Assinatura / Carimbo

---

Anexo 3 – Boletim de Ocorrência 13/06/2000

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL SECRETARIA DA JUSTIÇA E DA SEGURANÇA POLÍCIA CIVIL		COMUNICAÇÃO DE OCORRÊNCIA 06 087398		PERSONAL	
DATA REGISTRO	13.06.2000	HORA REGISTRO	16h50min	1	IMPRESSA
UF	RS	CCD	152437	2	REPRODUÇÃO
NR	466/2000	ESTADO CIVIL	466/2000	3	B.M.
3 INDICIADO	DESTINO PERICIA	COR	1 BRANCO	4	OUTROS
4 CONDUTOR	1 INL	2 PRETO	3 AMARELO	4 SEPARADO	5 AMARRADO
2 INCL	2 SC	4 MULATO	5 SARRIA	1 BRASILEIRO	2 NATURALIZADO
3 OUTROS	3 OUTROS	1 ALBINO	2 CASADO	3 ESTRANGEIRO	1 PLANTÃO
				4 SEPARADO	2 SECRETARIA
				5 AMARRADO	3 GABINETE
				1 INVESTIGAÇÃO	5 CARTÓRIO
				2 INVESTIGAÇÃO	3 GABINETE
				1 POSITIVO	2 NEGATIVO
				3 POSITIVO	4 NÃO CONSTA
<p><b>ODILIN MARQUES GOMES DE OLIVEIRA</b>                  Nome: <b>Luiz Fernandes de Oliveira e Luísa Gomes Rodrigues</b>                  Data Nasc: <b>09/07/1940</b> Sexo: <b>M</b> Docum: <b>01</b> Nº: <b>o mesmo acima</b> UF: <b>RS</b> Idade aparente: <b>59</b> ANOS                  Endereço: <b>R. Antonio Liberato</b> Nº: <b>942</b> Compl: <b>LOGR</b> CEP:                  Cidade: <b>Campo Novo/RS</b> Prof: <b>Sec. de Ind. Com. e Turismo</b>                  Termo de declaração: <b>PERICIA</b> Inform. por: <b>ASSINATURA</b>                  Descrição: <b>VIOLAÇÃO DE SEPULTURA</b> Cód. fato: <b>2040.05</b> Tentativa: <b>DATA 13.06.2000</b>                  Local: <b>Cemitério dos Degolados</b> Códigos: <b>HORA pv. 15:00hs</b>                  Pontos de referência: <b>o mesmo junto a Rn 155 - perto do Rodelo</b> Nº: <b>LOGR</b> CEP:                  Nome: <b>FIG</b>                  Filiação: <b>SEXO</b> <b>DOCUM</b> <b>Nº</b> <b>UF</b> <b>IDADE APARENTE</b> <b>ANOS</b>                  Endereço: <b>LOC. TRAB.</b> <b>Nº</b> <b>COMPL</b> <b>LOGR</b> <b>CEP.</b>                  Nome: <b>NAC</b> <b>NAT</b> <b>PROF.</b> <b>CÓD.</b>                  Termo de declaração: <b>EST CIVIL</b> <b>PERICIA</b> <b>MEDICADO</b> <b>HOSPITALIZADO</b> <b>MORTO</b> <b>FLAGRANTE</b> <b>RECOLHIDO</b> <b>LIBERADO FIANÇA</b>                  Inform. por: <b>DINP</b> <b>INFORM. POR</b> <b>DBS</b>                  Nome: <b>RG</b>                  Filiação: <b>SEXO</b> <b>DOCUM</b> <b>Nº</b> <b>UF</b> <b>IDADE APARENTE</b> <b>ANOS</b>                  Endereço: <b>LOC. TRAB.</b> <b>Nº</b> <b>COMPL</b> <b>LOGR</b> <b>CEP.</b>                  Nome: <b>NAC</b> <b>NAT</b> <b>PROF.</b> <b>CÓD.</b>                  Termo de declaração: <b>EST CIVIL</b> <b>PERICIA</b> <b>MEDICADO</b> <b>HOSPITALIZADO</b> <b>MORTO</b> <b>FLAGRANTE</b> <b>RECOLHIDO</b> <b>LIBERADO FIANÇA</b>                  Inform. por: <b>DINP</b> <b>INFORM. POR</b> <b>DBS</b>                  Nome: <b>RG</b>                  Filiação: <b>SEXO</b> <b>DOCUM</b> <b>Nº</b> <b>UF</b> <b>IDADE APARENTE</b> <b>ANOS</b>                  Endereço: <b>LOC. TRAB.</b> <b>Nº</b> <b>COMPL</b> <b>LOGR</b> <b>CEP.</b>                  Nome: <b>NAC</b> <b>NAT</b> <b>PROF.</b> <b>CÓD.</b>                  Termo de declaração: <b>EST CIVIL</b> <b>PERICIA</b> <b>MEDICADO</b> <b>HOSPITALIZADO</b> <b>MORTO</b> <b>FLAGRANTE</b> <b>RECOLHIDO</b> <b>LIBERADO FIANÇA</b>                  Inform. por: <b>DINP</b> <b>INFORM. POR</b> <b>DBS</b></p>					
<p>OBS: <b>relata o comunicante que é secretário de Indústria, Comércio e Turismo do município, que foram informados na tarde de hoje, que teria sido violada uma sepultura no cemitério dos Degolados, ponto turístico do município perto do Rodelo. Que deslocando-se até o local o comunicante constatou a veracidade dos fatos, e no local haviam ossos humanos jogados para fora da sepultura. que nada mais foi danificado. Registra para os devidos fins.---</b></p>					
ENCAMINHADO A		PERÍCIAS REQUISITADAS		OBS:	
AUTO DE APREENSÃO		NÚMERO	DATA	DEST	
AUTO DE RESTITUIÇÃO					
AUTO DE AVALIAÇÃO					
DIFUSÃO		ATENDIMENTO		ASS.	RG
		Insp. Paulinho Cavalheiro			
		CH. PLANTÃO		ASS.	RG
		Del. Beatrice Didier			
DESTINO 1ª VIA		DATA REMESSA		ASS.	RG

Anexo 4 - Memorando SICOMTUR para SESUPLAN

**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
**MUNICÍPIO DE SANTO AUGUSTO**  
**SICOMTUR**  
Rua Coronel Júlio Pereira dos Santos, 465 – CEP 98590-000  
Fone (55) 3781-4496/4359 – E-mail: sicomtur@santoaugusto.rs.gov.br

Memorando 07/2014/ SICOMTUR

Santo Augusto, 24 de Janeiro de 2014.

Ao Senhor Secretário da SESUPLAN

Assunto: Revitalização de Ponto Turístico.

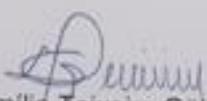
Senhor Faustino Kovalski,

Iniciamos em 2013, com a engenheira Joana junto a essa Secretaria, um trabalho de revitalização no Ponto Turístico – Cemitério dos Degolados, parte deste trabalho foi realizado, faltando alguns detalhes como: - material a ser utilizado nas placas e custo do projeto, o que nos possibilitará darmos o encaminhamento necessário para viabilizarmos o mesmo.

Solicitamos também a sugestão ou definição dos dados da atual Administração que serão escritos na placa da obra, sendo que já existe uma da revitalização feita em anos anteriores.

Contamos com sua habitual presteza e nos colocamos a disposição para realizarmos este projeto o mais breve possível.

Atenciosamente,

  
Emília Teixeira Göttert  
SICOMTUR

*7 recebido em*  
*4/01/14*  
*M. E. Petry Sperotto*  
**Márcia E. Petry Sperotto**  
Assessora de Projetos  
Econômicos e Sociais

---

Rua Cel. Júlio Pereira dos Santos, 465 – Fone: (55) 3781 – 4496 – e-mail: sicomtur@santoaugusto.rs.gov.br – CEP: 98.590-000 – Santo Augusto – RS  
**“NÃO USE DROGAS, DOE ÓRGÃOS, DOE SANGUE: SALVE VIDAS”**

## Anexo 5 - Memorial Descritivo do Projeto de Reforma do Cemitério dos Degolados



Estado do Rio Grande do Sul – **SANTO AUGUSTO**  
SECRETARIA DE SUPERVISÃO E PLANEJAMENTO SESUPLAN  
Fone/Fax (55) 3781-5236

**MUNICÍPIO DE SANTO AUGUSTO**  
SERVIÇOS DE ENGENHARIA

### **MEMORIAL DESCRITIVO** **PROJETO DE REFORMA**

**Obra** – Restauração do Ponto Histórico Turístico "Cemitério dos Degolados"

**Proprietário** – Prefeitura Municipal de Santo Augusto – RS

**Localização** – RS 155  
Km 75  
Santo Augusto – RS

O presente memorial descritivo tem por finalidade esclarecer os serviços a serem executados durante a restauração do Ponto Histórico Turístico "Cemitério dos Degolados" situado na RS 155 na altura do Km 75 no Município de Santo Augusto/RS. Quaisquer alterações ou dúvidas devem ser submetidas a análise pelo Setor de Engenharia do Município, responsáveis pela elaboração deste projeto, memorial e orçamento.

A empresa executora é totalmente responsável pelo deslocamento de pessoal e material até o local da obra.

#### **SERVIÇOS A EXECUTAR**

##### **1. SERVIÇOS INICIAIS**

Deverá ser executada a limpeza interna e na área de acesso frontal ao Cemitério, deixando toda a extensão da frente livre de vegetação e ainda em um ângulo de 45° (ver Projeto) a partir dos extremos da cerca para que possibilite a visão de quem circula pela rodovia.

As lápides existentes, de concreto ou ferro, deverão ser realocadas conforme indicação no projeto e fixadas ao solo com concreto.

Rua Cel. Júlio Pereira dos Santos, 465 – Fone: (55) 3781 – 5236 – e-mail: projetos.santoaugusto@gmail.com – CEP: 98.590-000 – Santo Augusto – RS

**"NÃO USE DROGAS, DOE ÓRGÃOS, DOE SANGUE: SALVE VIDAS"**





Estado do Rio Grande do Sul – SANTO AUGUSTO  
SECRETARIA DE SUPERVISÃO E PLANEJAMENTO SESUPLAN  
Fone/Fax (55) 3781-5236

Todas as estruturas em ferro instaladas no Cemitério serão entregues já com o fundo preparado em zarcão e a pintura esmalte em duas demãos aplicadas, em cor à ser definida junto ao Setor de Fiscalização.

Todos os materiais instalados no Cemitério deverão ser chumbados ao solo com concreto reforçado, para evitar atos de vandalismo e garantir a maior durabilidade possível de toda a estrutura.

#### 4. PÓRTICO DE ACESSO

O pórtico com o portão de acesso foi executado em ferro e apresenta boas condições de durabilidade. Para sua restauração, deverá ser feito o fixamento em toda a superfície para remover qualquer indício de ferrugem e então aplicar uma demão de zarcão de modo a cobrir perfeitamente toda a estrutura de ferro e posteriormente deverá ser feito o acabamento com duas demãos de tinta esmalte.

#### 5. PAVIMENTAÇÃO

Para transitar entre as placas, será feito um caminho com leito de pedra brita graduada (01 e 02), limitado por pedras de mão para evitar o espalhamento e demarcar o local de circulação dos visitantes.

Na área de acesso, será colocada uma camada de 5,00cm (cinco centímetros) de brita 02, para o melhor trânsito de pedestres e veículos. Nas extremidades do acesso e em locais indicados pela fiscalização da obra, será feito o plantio de grama em leiva, tipo Esmeralda, no total de 50,00m<sup>2</sup>.

#### 6. CANALIZAÇÃO

Em frente ao Cemitério, deve ser concluída a canalização em concreto subterrânea para tornar o acesso mais amplo, sendo instaladas mais 05 (cinco) unidades de 80,0cm (oitenta centímetros) de diâmetro em cada lateral da canalização existente, sendo feito o aterramento para que permaneça no mesmo nível do acesso atual.

Na cabeceira da canalização, no lado direito da frente do Cemitério, será feita uma estrutura em alvenaria e concreto armado para evitar erosão em dias chuvosos, conforme o Projeto, com 04 (quatro) pilares em concreto armado e entre eles, amarrada com ferros cabelo, alvenaria em tijolos cerâmicos maciços com espessura de 25,0cm (vinte e cinco centímetros), sendo chapiscada e rebocada somente a parte exposta da parede.

Rua Cal. João Pereira dos Santos, 465 – Fone: (55) 3781 – 5236 – e-mail: projetos.santaugusto@gmail.com – CEP: 98.590-000 – Santo Augusto – RS

**"NÃO USE DROGAS, DOE ÓRGÃOS, DOE SANGUE: SALVE VIDAS"**



Estado do Rio Grande do Sul – SANTO AUGUSTO  
SECRETARIA DE SUPERVISÃO E PLANEJAMENTO SESUPLAN  
Fone/Fax (55) 3781-5236

**7. AJARDINAMENTO**

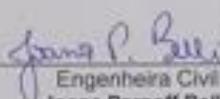
Em frente ao marco com a pedra, será reservado um espaço para instalação de 03 (três) bancos em concreto pré-moldado, chumbados ao solo com concreto.

Será plantada grama em sementeira, do tipo Esmeralda, nos locais onde houver maior necessidade de arborização por parte da Fiscalização, totalizando 150,00m<sup>2</sup>.

**8. LIMPEZA FINAL DE OBRA**

Após a conclusão dos serviços a obra deve ser entregue sem qualquer resíduo gerado durante a sua execução.

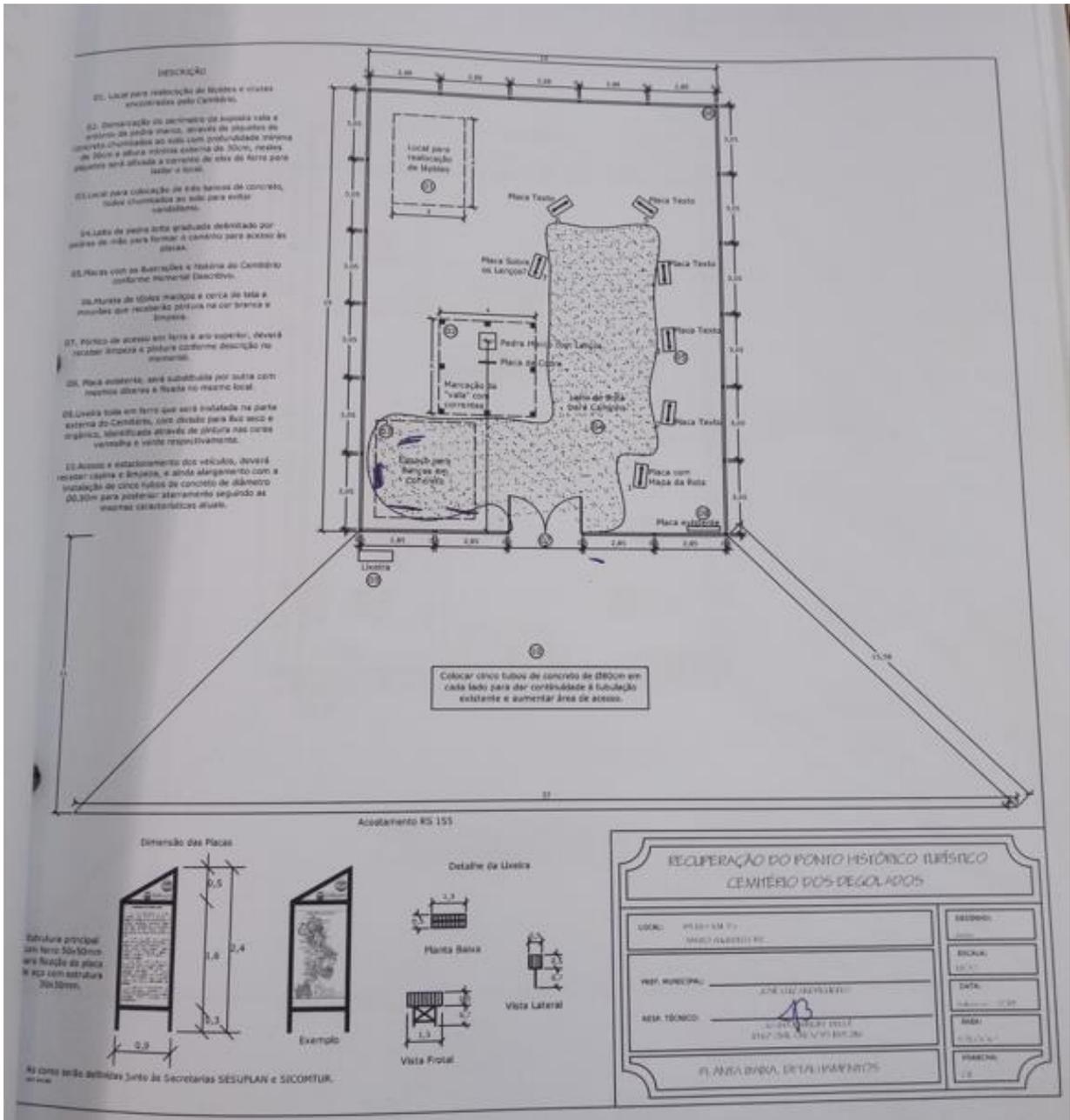
Santo Augusto, 01 de Outubro de 2014.

  
Engenheira Civil  
Joana Parnoff Bellé  
CREA/RS 183.216  
SESUPLAN



Rua Cel. João Pereira dos Santos, 465 – Fone: (55) 3781 – 5236 – e-mail: projetos.santoaugusto@gmail.com – CEP: 98.590-000 – Santo Augusto – RS

**“NÃO USE DROGAS, DOE ÓRGÃOS, DOE SANGUE: SALVE VIDAS”**



Anexo 6 - Memorando Interno

 Estado do Rio Grande do Sul – SANTO AUGUSTO  
SECRETARIA DE SUPERVISÃO E PLANEJAMENTO SESUPLAN  
Rua Coronel Júlio Pereira dos Santos, 465 – CEP 98290-000  
Fone/Fax (55) 3781-4497

Memorando interno 150/2014                      Santo Augusto, 02 de outubro de 2014.

De: SESUPLAN  
Para: SICOMTUR

**ASSUNTO: ENCAMINHA PROJETO PARA RESTAURAÇÃO DO PONTO TURÍSTICO DENOMINADO "CEMITÉRIO DOS DEGOLADOS".**

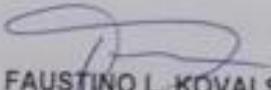
Senhora Secretária:

O presente expediente tem por objetivo encaminhar a esta Secretaria cópia do projeto de restauração do ponto histórico e turístico denominado "Cemitério dos Degolados", solicitado por esta Pasta e que agora passamos para vosso conhecimento e encaminhamentos necessários para a realização das obras propostas.

Informamos que o projeto é composto de Memorial Descritivo, Orçamento, Cronograma Físico Financeiro e planta arquitetônica com detalhes construtivos a serem observados na execução do empreendimento. Observamos ainda que não foi emitida a Anotação de Responsabilidade Técnica – ART, referente ao projeto, sendo que esta deverá ser solicitada quando da efetiva realização das obras propostas.

Queremos ainda registrar que o projeto proposto poderá ser revisto e alterado caso seja entendimento desta Secretaria que algum dos itens propostos tenha uma melhor alternativa de execução e que venha a contribuir para o enriquecimento e melhoria no resultado final da restauração deste ponto histórico e turístico do município de Santo Augusto.

Sendo o que se apresenta para o momento reiteramos votos de elevada estima e consideração.

  
**FAUSTINO L. KOVALSKI**  
SECRETÁRIO DO PLANEJAMENTO  
SESUPLAN

Rua Cel. Júlio Pereira dos Santos, 465 – Fone: (55) 3781-4368 – e-mail: gabinete@santaugusto.rs.gov.br – CEP: 98.290-000 – Santo Augusto – RS

**"NÃO USE DROGAS, DOE ÓRGÃOS, DOE SANGUE. SALVE VIDAS"**

Anexo 7 - Memorando SICOMTUR de Solicitação de Licença Ambiental para a Revitalização do Cemitério dos Degolados

 ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
MUNICÍPIO DE SANTO AUGUSTO  
SICOMTUR  
Rua Coronel Julio Pereira dos Santos, 465 – CEP 98590-000  
Fone (55) 3781-4496/4359 – E-mail: sicomtur@santoaugusto.rs.gov.br

Memorando 56/2014/ SICOMTUR

Santo Augusto, 06 de Outubro de 2014.

Ao Senhor Secretário da SEMMU  
Darci Cavalheiro

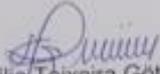
Assunto: **Solicitação de Licença Ambiental.**

Senhor Secretário.

Vimos através deste, solicitar licença ambiental , autorização ambiental ou dispensa de licença ambiental para darmos prosseguimento ao projeto de revitalização do ponto turístico "Cemitério dos Degolados", conforme projeto em anexo.

Solicitamos seu sempre pronto atendimento, desde já agradecemos.  
Sendo o que se apresenta para o momento.

Atenciosamente.

  
Emilia Teixeira Göttert  
Secretária da SICOMTUR

*Recebido em*  
06/10/2014  
Darci Francisco Cavalheiro  
Secretário Municipal de  
Meio Ambiente e Urbanismo

Rua Cel. Julio Pereira dos Santos, 465 – Fone: (55) 3781 – 4496 – e-mail: sicomtur@santoaugusto.rs.gov.br – CEP: 98.590-000 – Santo Augusto – RS.  
"NÃO USE DROGAS, DOE ÓRGÃOS, DOE SANGUE: SALVE VIDAS"

Anexo 8 - Autorização Ambiental para a Revitalização do Cemitério dos Degolados

 ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
Prefeitura Municipal  
**SANTO AUGUSTO**  
SEMMU - SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO

**AUTORIZAÇÃO AMBIENTAL** N° 012/2014

A Secretária Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (SEMMU) do Município de Santo Augusto, RS, no uso de suas atribuições, expede a presente AUTORIZAÇÃO AMBIENTAL que permite a:

**EMPREENDEDOR: MUNICÍPIO DE SANTO AUGUSTO**  
**CNPJ: 87.613.105/0001-02**  
**MUNICÍPIO: Santo Augusto - RS**

A execução do projeto de:

**REVITALIZAÇÃO DO PONTO TURÍSTICO "CEMITÉRIO DOS DEGOLADOS"**

No endereço: RS 155, Km 75, Santo Augusto/RS.

Respeitando as seguintes observações, condições e restrições:

1. Será realizada a limpeza do local através do corte e remoção da vegetação herbácea e do fixamento das lápides existentes.
2. Serão instalados painéis com a representação da história do "Cemitério dos Degolados", conforme Memorial descritivo do Projeto de Reforma deste ponto turístico.
3. Será ampliado e melhorado o acesso dos visitantes e turistas ao local através da tubulação para escoamento da água da chuva, pavimentação com brita 02 e colocação de leivas.
4. Serão reformados o muro e a cerca existentes no local e o pórtico com o portão de entrada será fixado.
5. Será realizado um ajardinamento com colocação de leivas e bancos em locais estratégicos.
6. Não deverá haver a extração de solo, pedra ou a lavra de qualquer mineral no local do empreendimento sem o prévio licenciamento do órgão ambiental competente.
7. O material utilizado durante as obras de revitalização deverão ter procedência ambientalmente adequada.
8. O empreendedor deverá fazer a destinação ambientalmente adequada dos resíduos gerados pela atividade desenvolvida.
9. Esta autorização não permite o abate de espécimes arbóreos nativos nem o descapoeiramento de vegetação nativa

Este documento perderá sua validade caso os dados fornecidos pelo empreendedor não correspondam à realidade ou algum item estabelecido nas condições acima seja descumprido;  
Esta autorização ambiental só é válida para as condições contidas acima pelo prazo máximo de 1 (um) ano.  
A SEMMU possui competência apenas para atuar em empreendimentos e atividades de impacto local e dentro do Município de Santo Augusto, RS.

Santo Augusto/RS, 06 de outubro de 2014.

  
GABRIELA WERLANG PÜHL  
Licenciadora Ambiental  
CRBio 63368/03

Rua João Pereira dos Santos, 465 Fone: 55.3781-4366 e-mail: gabinete@semmu@santoaugusto-rs.com.br - CEP: 98200000 Santo Augusto-RS

**"NÃO USE DROGAS, DOE ÓRGÃOS, DOE SANGUE: SALVE VIDAS"**

Anexo 9 – Ordem de Início das Obras de Revitalização do Ponto Turístico



Estado do Rio Grande do Sul – **SANTO AUGUSTO**  
Gabinete do Prefeito – Secretaria de Planejamento – SESUPLAN  
FONE: 55 3781 5236

**ORDEN de INICIO**

Pela presente ordem autorizo a **CONSTRUTORA DIEMER & NASCIMENTO LTDA.**, vencedora no Processo Licitatório, na modalidade Tomada de Preço nº. 015/2014, de 22 de Outubro 2014, no qual originou o Contrato de Prestação de Serviços e Fornecimento de Materiais – Empenhada Global nº 171/2014, a dar início aos trabalhos de execução das obras de revitalização do “Cemitério dos Degolados”, compreendendo o fornecimento de materiais e serviços necessários, conforme Projeto Técnico. A data do efetivo início da obra será do dia 03 de Dezembro de 2014, sendo o preço global a ser pago pela contratante à contratada, para execução da integralidade do objeto do presente contrato, nas condições estipuladas, será de R\$ 22.994,44 (vinte e dois mil novecentos e noventa e quatro reais e quarenta e quatro centavos), sendo R\$ 6.376,31 (seis mil trezentos e setenta e seis reais e trinta e um centavos), de mão-de-obra e R\$ 16.618,13 (dezesesseis mil e seiscentos e dezoito reais e treze centavos). Fica sob a responsabilidade da SICOMTUR – Secretaria Municipal de Comércio Indústria e Turismo a administração e acompanhamento da obra e a Fiscalização ficará a cargo da SESUPLAN – Secretaria de Supervisão e Planejamento.

Santo Augusto, 03 de Dezembro de 2014.

  
CONSTRUTORA DIEMER & NASCIMENTO LTDA.  
CONTRATADA

  
JOSÉ LUIZ ANDRIGHETTO  
CONTRATANTE

  
FAUSTINO LADISLAU KOVALSKI  
SESUPLAN

  
EMILIA TEIXERA GÖTTERT  
SICOMTUR

**\*NÃO USE DROGAS, DOE ÓRGÃOS, DOE SANGUE: SALVE VIDAS\***

Rua Cel. João Pereira dos Santos, 485 - Fone: 55-3781-5236 - E-mail: projeto.santokaupim@gmail.com - CEP: 98585-000 - Santo Augusto-RS

Anexo 10 – Memorando SICOMTUR de Solicitação de Limpeza do Ponto Turístico

 **ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
**MUNICÍPIO DE SANTO AUGUSTO**  
**SICOMTUR**  
Rua Coronel Júlio Pereira dos Santos, 465 – CEP 98590-000  
Fone (51) 3781-4496/4319 - E-mail: sicomtur@santoaugusto.rs.gov.br



Memorando 10/2015/ SICOMTUR

Santo Augusto, 08 de Março de 2015.

Ao Secretário Municipal de Meio Ambiente  
Senhor Darcí Cavalheiro

**Assunto: Solicitação de limpeza em ponto turístico.**

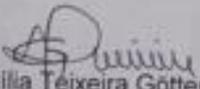
Prezado Secretário,

Em visita ao Memorial dos Degolados para tirarmos algumas fotos para Folders, verificamos que ervas daninha cresceram entre as pedras e na grama.

Solicitamos a essa Secretaria, se possível fazer uma limpeza no local para tirarmos as fotos e também recebermos bem o turista.

Sendo o que se apresenta para o momento.

Atenciosamente,

  
Emília Teixeira Göttert  
Secretária da SICOMTUR

*Recebido em  
06.03.15  
[Handwritten signature]*

Rua Cel. Júlio Pereira dos Santos, 465 - Fone: (51) 3781 - 4496 - e-mail: sicomtur@santoaugusto.rs.gov.br - CEP: 98.590-000 - Santo Augusto - RS  
**"NÃO USE DROGAS, DOE ÓRGÃOS, DOE SANGUE: SALVE VIDAS"**